



O “CABIDO” DO PAPA: OS CARDEAIS EM ROMA
ENTRE A ALTA E A PLENA IDADE MÉDIA (SÉCS. VIII-XII)

FRANCESCO RENZI

 <http://orcid.org/0000-0002-9470-3457>

Resumo: O objetivo desta comunicação é uma apresentação sintética, juntamente com uma bibliografia essencial de referência, da evolução e transformação dos cardeais (bispos, os *suburbicarii*, presbíteros e diáconos) na Roma medieval. O grupo dos cardeais progressivamente assumiu um papel fundamental ao lado dos pontífices romanos, dos quais se tornaram os eleitores; um processo que levou a conflitos e a uma separação do *clero urbis*, o clero urbano de Roma, que administrava o culto na *Urbs*. A observação da figura do cardeal permite, portanto, aproximar-se do estudo da Reforma eclesial dos séculos XI e XII e das suas consequências nas estruturas da Igreja Romana ao longo da Idade Média.

Palavras-chave: Papado, Cardeais, Bispos *suburbicarii*, Presbíteros, Diáconos.

THE POPE’S “CHAPTER”: THE CARDINALS IN ROME BETWEEN THE EARLY
AND THE HIGH MIDDLE AGES (EIGHTH-TWELFTH CENTURIES)

Abstract: The aim of this paper is to offer a synthetic presentation, together with an essential bibliography, of the evolution and the transformation of the cardinals (Bishops, the *suburbicarii*, Priests and Deacons) in medieval Rome. The group of cardinals progressively assumed a fundamental role alongside the Roman pontiffs, of whom they became the electors. This process led to conflict and a separation with the *clero urbis*, the urban clergy of Rome, which administered the cult in the *Urbs*. Therefore, the observation of the cardinals allows approaching the study of the ecclesiastical Reform of the eleventh and twelfth centuries and its consequences on the structures of the Roman Church throughout the Middle Ages.

Keywords: Papacy, Cardinals, Bishop *suburbicarii*, Priests, Deacons.

O “CABIDO” DO PAPA: OS CARDEAIS EM ROMA ENTRE A ALTA E A PLENA IDADE MÉDIA (SÉCS. VIII-XII)

FRANCESCO RENZI*

1. Introdução: a *Reforma* e a transformação do clero romano

Quando em janeiro de 2019 os professores Luís Carlos Amaral e Adélio Abreu e o Doutor Luís Leal me convidaram para dar uma palestra no âmbito do Seminário de História Religiosa (UCP-CEHR, Centro Regional do Porto) intitulado *Catedrais, Cabidos e Capitulares: um longo percurso institucional e cultural*, achei que podia ser interessante oferecer uma síntese, juntamente com uma bibliografia essencial de referência nas notas de rodapé, sobre a figura do cardeal da Igreja Romana nos séculos alto e pleno medievais (séculos VIII-XII)¹. O termo “cardeal”, como evidenciado pelas investigações de Michel Andrieu e Stephan Kuttner, podia ter várias etimologias, reflexo de uma diferente concepção do papel desta particular figura eclesiástica dentro da Igreja Católica. De qualquer forma, todas indicam uma função importante dos cardeais nas estruturas eclesiásticas romanas, tanto que a historiografia concorda, pelo menos, na evolução do significado do termo “cardeal” em “membro do episcopado”². Por exemplo, cardeal podia derivar do latim *cardo* (“pilar”, “eixo”, “ponto fundamental”³); *cardinalis* podia alternativamente ser utilizado como sinónimo de *intitulatus*, *fixus* ou *incardinatus*, no sentido de um clérigo associado estavelmente a uma Igreja; finalmente, o termo podia referir-se a um prelado estritamente ligado a

* Universidade Católica Portuguesa, Centro de Estudos de História Religiosa, Portugal.

¹ Neste ensaio vou propor uma versão corrigida e atualizada da comunicação apresentada no Seminário de História Religiosa (UCP-CEHR, Porto) no dia 18 de março de 2019, intitulada *O “cabido” do papa: Bispos, cardeais e clero urbano em Roma, entre os séculos XI e XII*, e do meu precedente trabalho – *Uno sguardo altro sul papato di inizio XII secolo. Le elezioni di Papa Gelasio II, dell’antipapa Gregorio VIII e il loro spazio sonoro*. In *Paisajes sonoros medievales*. Coord. de Gerardo Rodríguez, Éric Palazzo; Gisela Coronado Schwindt. Mar del Plata: GIEM-Universidad Nacional de Mar del Plata, 2019, p. 283-314.

² Michel Andrieu – *L’origine du titre de cardinal*. In *Miscellanea Giovanni Mercati*. Vol. 6. Città del Vaticano: Biblioteca Apostolica Vaticana, 1946, p. 113-144, Stephan Kuttner – *Cardinalis: the history of a canonical concept*. *Traditio*. 3 (1945) 129-131 e Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma nel Medioevo. Istituzioni e politica cittadina (secoli VIII-XIII)*. Roma: Viella, 2002, p. 103-104 e relativas notas de rodapé.

³ Para a tradução em português deste lema utilizei o dicionário latim Olivetti. In <https://www.dizionario-latino.com/dizionario-latino-italiano.php>. Consultado a 19/05/2020.

uma *ecclesia cardinalis* (“Igreja-pilar” ou “Igreja matriz”) como por exemplo uma catedral⁴. Sem dúvida, trata-se de um nome amplamente difundido e utilizado, mas nem sempre a sua origem e o seu desenvolvimento ao longo dos séculos medievais dentro das estruturas da Igreja Católica são conhecidos de um público mais amplo do que os historiadores profissionais e em particular dos historiadores da Igreja e das instituições eclesiásticas. Estudar a evolução do grupo dos cardeais, que como veremos, era fortemente heterogêneo no seu interior e cujo processo de formação e organização durou séculos, permite observar de uma perspectiva particularmente eficaz a transformação da Igreja Católica e do Papado e os efeitos da *Reforma* eclesiástica (ou *Reformas* como sugerido por Umberto Longo⁵) desde o século XI⁶. A partir de 1046, pelo menos três fatores deram início a um processo de profunda transformação da Igreja Católica e do Papado. Em primeiro lugar, a intervenção imperial em Roma, celebrada por um grande eclesiástico do século XI como Pier Damiani (†1072)⁷, do rei de Alemanha e imperador Henrique III (†1056), que resolveu a crise do triplice scisma papal entre os Papas Gregório VI (1045-1046), Bento IX (1033-1045; 1045; 1047-1048) e Silvestre III (1045). Em segundo, a introdução em Roma de alguns elementos fundamentais do sistema da *Reichskirche* (“A Igreja do Reino”, ou seja, do reino de Alemanha e das áreas imperiais), como por exemplo a luta contra a simonia, a compra e a venda de bens sagrados espirituais e de cargos eclesiásticos⁸. E por fim, a promoção dos homens da *Reichskirche* ao sólio pontifício, como nos casos de Papa Clemente II, Suidgerio bispo de Bamberg, ou Papa Leão IX, Brunone dos condes de Egisheim, bispo de Toul⁹. Como escreveu Herbert Edward John Cowdrey «Sem

⁴ Stephan Kuttner – Cardinalis..., 130, Michel Andrieu – L'origine..., p. 113-131 e Jean-François Chiron – Statut théologique du cardinalat et ecclésiologie contemporaine. *Mélanges de l'École française de Rome*. 127/2 (2015). In <http://journals.openedition.org/mefrim/2297>. Consultado a 20/05/2020.

⁵ Umberto Longo – La riforma della Chiesa tra Pier Damiani e Bernardo di Chiaravalle. Un concetto da declinare al plurale. In *La società monastica nei secoli VI-XII. Sentieri di ricerca*. Coord. de Marialuisa Bottazzi; Paolo Buffo; Caterina Ciccopiedi; Luciana Furbetta; Thomas Granier. Trieste-Roma: CERM-ÉFR, 2016, p. 113-118.

⁶ Sobre os conceitos de *Reforma*, *Libertas Ecclesiastica* e *Restauratio* (“Restauração”) no século XI, veja-se o excelente volume *Riforma o restaurazione? La cristianità nel passaggio dal primo al secondo millennio*. Negarine di San Pietro in Cariano (Verona, Itália): Il Segno Gabrielli Editori, 2006.

⁷ Glauco Maria Cantarella – *Manuale della fine del mondo. Il travaglio dell'Europa medievale*. Torino: Einaudi, 2015, p. 47-49 e 79-82. Sobre a figura de Pier Damiani, é indispensável a leitura dos trabalhos de Nicolangelo D'Acunto. Deste investigador veja-se, pelo menos, *Prospettive sulla figura e sull'opera di Pier Damiani nelle pubblicazioni per il millenario della sua nascita*. In *Rivista di storia della Chiesa in Italia*. 64 (2010) 538-549.

⁸ Simonia. In *Enciclopedia Treccani*. In <http://www.treccani.it/enciclopedia/simonia/>. Consultado a 19/05/2020.

⁹ Sobre este tema veja-se a síntese de Glauco Maria Cantarella – *Dalle chiese alla monarchia papale*. In *Chiesa, Chiese, Movimenti religiosi*. Coord. de Glauco Maria Cantarella; Valeria Polonio; Roberto Rusconi. Roma-Bari: Laterza, 2001, p. 3-79 e do mesmo autor *Il sole e la luna. La rivoluzione di Gregorio VII*. Roma-Bari: Laterza, 2005, p. 57-58. Veja-se também a entrada enciclopédica Enrico III detto il Nero. In *Dizionario*

a intervenção de Henrique III em Roma em 1046 e a sua continuação com a ascensão ao pontificado de Leão IX em 1049, não teria havido nenhum Papado da Reforma»¹⁰. Este processo, em particular a partir dos anos trinta do século XX é conhecido como "Reforma Gregoriana"¹¹, um conceito utilizado em muitos casos impropriamente, como *passé-partout* para interpretar a totalidade da história da Igreja Católica entre os séculos XI e XII¹². Pelo menos a partir dos anos sessenta do século passado, a historiografia, em particular, mas não exclusivamente, na Alemanha e Itália, começou a criticar esta definição e a aplicá-la, com mais cuidado e um maior grau de contextualização histórica, principalmente à ação de Papa Gregório VII (1073-1085), cujo pontificado e ideia de reforma eclesiástica foram sem dúvida uma passagem fundamental, mas não a única etapa de um processo que causou fortes conflitos dentro da mesma Igreja, como veremos, e que mudou constantemente na Plena Idade Média, sem ser teleologicamente organizado¹³. A Reforma eclesiástica mudou completamente o panorama romano; o Papado ampliou consideravelmente a sua presença a uma escala europeia (como observado, entre outros, por Giorgio Soranzo, Ovidio Capitani e Alfons

di *Storia Treccani*. In http://www.treccani.it/enciclopedia/enrico-iii-detto-il-nero_%28Dizionario-di-Storia%29/. Consultado a 19/05/2020.

¹⁰ «Without the Henry III's intervention at Rome in 1046 and its sequel in the accession of Leo IX to the Papacy in 1049, there would have been no reform Papacy», Herbert Edward John Cowdrey – *Pope Gregory VII, 1073-1085*. Oxford: Clarendon Press, 1998, p. 272. A tradução portuguesa é nossa.

¹¹ Sobre esta expressão e o seu significado, veja-se o clássico de Augustin Fliche – *La Réforme grégorienne*. Louvain: Spicilegium Sacrum Lovaniense, 1924-1937 (3 vols.); para uma leitura crítica contemporânea à obra do historiador francês veja-se Giorgio Soranzo – *Storia del Papato (1923-1926)*. *Aevum*. 1, Fasc. 1/2 (1927) 369-371 e sobretudo Glauco Maria Cantarella – *Il sole e la luna...*, p. 332 e sgs.

¹² Penso, por exemplo, na impoção da obra de Franz-Josef Schmale – *Studien zum Schisma des Jahres 1130*. Köln: Böhlau Verlag, 1961, criticada por Giorgio Milanesi – "Bonifica" delle immagini e "propaganda" in Aquitania durante lo scisma del 1130-1138. Verona: Scripta Edizioni, 2013, p. 27-56.

¹³ Umberto Longo – I cisterciensi, il papato e la riforma a Roma alla metà del secolo XII: l'abbazia dei Santi Vincenzo e Anastasio. In *Reti Medievali Rivista*, 19/1 (2018) 331-333. Sobre este tema seria impossível dar uma bibliografia exaustiva e, portanto, limito-me a indicar alguns trabalhos essenciais para a crítica e/ou o enquadramento da Reforma de Gregório VII: Gerd Tellenbach – *Libertas. Kirche und Weltordnung im Zeitalter des Investiturstreites*. Stuttgart: Kohlhammer, 1936. Ovidio Capitani – *Esiste un'età gregoriana? Considerazioni sulle tendenze di una storiografia medievistica*. In *Rivista di storia e letteratura religiosa*. 1 (1965) 454-481 e do mesmo autor – *Tradizione ed interpretazione. Dialettiche ecclesiologiche del secolo XI*. Roma: Jouvence, 1990. Uta-Renate Blumenthal – *The Investiture Controversy Church and Monarchy from the Ninth to the Twelfth Century*. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1988; Herbert Edward John Cowdrey – *Pope Gregory VII...*, Maureen C. Miller – *The crisis in the Investiture Crisis Narrative*. *History Compass*. 7/6 (2009) 1570-1580 e em particular p. 1574 e Glauco Maria Cantarella – *Il sole e la luna...*, e do mesmo autor *Gregorio VII*. Roma: Salerno Editrice, 2018, em particular p. 7-9. Giuseppe Fornasari – *Gregorio VII e la riforma gregoriana. Un ripensamento*. In "Vicarius Petri", "Vicarius Christi". *La titolatura del Papa nell'XI secolo*. Coord. de Fabrizio Amerini; Riccardo Saccenti. Pisa: Edizioni ETS, 2017, p. 9-26. Leandro Duarte Rust – *A Reforma Papal (1050-1150): trajetórias e críticas de uma história*. Cuiabá: Ed. UFMT, 2013. Nesta nota de rodapé utilizei a bibliografia do seguinte artigo: Francesco Renzi; Enrico Veneziani – *Alcune note sulla Riforma della Chiesa Romana nel pienomedioevo (secoli XI-XII)*. *Vis Spiritus*. 27 (2020) 25.

Becker¹⁴) e conseguiu progressivamente afirmar o Primado de São Pedro de maneira mais concreta também em áreas como a Península Ibérica onde, antes dos pontificados de Alexandre II (1061-1073) e Gregório VII, Roma não tinha mais que um reconhecimento espiritual e formal da sua autoridade por parte dos poderes seculares e do episcopado local¹⁵. Nesta fase de internacionalização do Papado romano, como evidenciado pelas obras fundamentais, entre outras, de Hans-Walter Klewitz, Rudolf Hüls, Werner Maleczek e Helene Tillmann¹⁶, o grupo dos cardeais, reunidos a partir do século XII, como observado por John F. Broderick¹⁷, no *Sacrum Collegium* (“O Colégio Sagrado”)¹⁸, teve um papel cada vez mais importante, convertendo-se, de facto, nos homens do governo, da administração e da cancellaria papal, ao ponto de ter, desde 1059, o direito exclusivo de eleger o pontífice ao contrário do que acontecia nos séculos altomedievais¹⁹. Como observado por Tommaso di Carpegna Falconieri, durante a Alta Idade Média, na cidade de Roma a expressão latina *Sacrosanta Romana Ecclesia* indicava todo o clero da cidade; clero romano e Igreja Romana eram duas definições praticamente sobreponíveis²⁰. A partir da segunda metade do século XI a locução

¹⁴ Giovanni Soranzo – Gregorio VII e gli stati vassalli della Chiesa. In *Aevum*. 23-Fasc. 1/2 (1949) 134 e sgs. Ovidio Capitani – *Storia dell’Italia Medievale (410-1216)*. Roma-Bari: Laterza, 1990, p. 452-453. Alfons Becker – Politique féodale de la papauté à l’égard des rois et des princes (XIe-XIIe siècles). In *Chiesa e mondo feudale nei secoli X-XII. Milano: Vita & Pensiero*, 1995, p. 411-445.

¹⁵ Thomas Deswarte – *Une Chrétienté romaine sans pape: l’Espagne et Rome (586-1085)*. Paris: Garnier, 2010, p. 356 e sgs., Ludwig Falkenstein – *La papauté et les abbayes françaises aux XIe et XIIe siècles: Exemption et protection apostolique*. Paris: Champion, 1997, p. 9 e Francesco Renzi; Enrico Veneziani – Alcune note..., 23-24.

¹⁶ Hans-Walter Klewitz – *Reformpapsttum und Kardinalkolleg. Die Entstehung des Kardinalkollegiums. Studien über die Wiederherstellung der römischen Kirche in Süditalien durch das Reformpapsttum. Das Ende des Reformpapsttums*. Darmstadt: Hermann Gentner Verlag, 1957, Rudolf Hüls – *Kardinäle, Klerus und Kirchen Roms: 1049-1130*. Tübingen: Max Niemeyer, 1977 e Werner Maleczek – Die Kardinale von 1143 bis 1216. Exklusive Papstwähler und erste Agenten der päpstlichen plenitudo potestatis. In *Geschichte des Kardinalats im Mittelalter*. Coord. de Jürgen Dendorfer; Ralf Lützelshwab; Ralf. Stuttgart: Anton Hiersemann Verlag, 2011, p. 95-154. Helene Tillmann – Ricerche sull’origine dei membri del collegio cardinalizio nel XII secolo. *Rivista di storia della Chiesa in Italia*. 26 (1972) 313-353. Sugiro também a consulta destes dois sítios web: <https://www.csun.edu/~hcfl004/SV1118.html>. Consultado a 11/09/2019 e <https://webdept.fiu.edu/~mirandas/conclave-xii.html>. Consultado a 11/09/2019.

¹⁷ John F. Broderick – The Sacred College of Cardinals. Size and Geographical composition (1099-1986). *Archivum Historiae Pontificiae*. 25 (1987) 8 e relativas notas para a bibliografia sobre este tema.

¹⁸ Pietro Pisani – Cardinale. In *Enciclopedia Italiana Treccani*. In http://www.treccani.it/enciclopedia/cardinale_res-c9ff4df6-8bac-11dc-8e9d-0016357eee51_%28Enciclopedia-Italiana%29/. Consultado a 19/05/2020. Sobre o *Sacrum Collegium*, veja-se também Anna Sammassimo – *Cardinalato e collegialità: Codificazione del XX secolo*. Milano: EduCatt, 2012, p. 134.

¹⁹ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione del papa. Norme, riti e conflitti*. Roma: Viella, 2013, em particular p. 19-25. Voltarei a este ponto no Capítulo 5. Veja-se também Francesco Renzi; Enrico Veneziani – Alcune note ..., 17-18.

²⁰ Tommaso di Carpegna Falconieri – Il clero di Roma nel medioevo. Prime considerazioni. In *I Quaderni del M.Ae.S.* 2 (1999) 96-98.

Sacrosanta Romana Ecclesia começou a definir o conceito de união entre o Papa e os cardeais (em particular com os cardeais-bispos, segundo Pier Damiani) e durante o pontificado de Urbano II (1088-1099) aparece o termo *Cúria* a definir os aparatos do papa²¹, em que os cardeais eram protagonistas, termo que substituiu progressivamente as palavras *Patriarchium* (ou seja, o edifício, ligado à catedral de Roma, São João de Latrão, onde o papa e os cardeais residiam até o século XIV²²) ou *Palácio*, o «Palatium Laterani» («Paço de Latrão») como o chama, por exemplo, o cronista milanês Landolfo de São Paulo²³. A partir da segunda metade do século XI começam a definir-se, portanto, dois conceitos bem distintos entre eles: o “clero papal”, orientado à afirmação universal do Primado de Roma na Cristiandade, e o *clero urbis* (“o clero da cidade”), mais ligado à administração do culto, à cura de almas e à assistência aos fiéis no âmbito mais específico da cidade de Roma²⁴. Pelas razões aqui expostas, acho que poderia ser útil proceder a uma análise dos três grupos de cardeais que no século XII faziam parte do *Sacrum Collegium* (bispos *suburbicarii*, presbíteros e diáconos) e estudar uma das suas prerrogativas fundamentais, e mais controversas, na segunda metade do século XI, ou seja, o direito de eleição do papa²⁵.

2. Os cardeais-bispos (bispos suburbicários)

Os cardeais-bispos, eram os pontífices das dioceses limítrofes de Roma; estes episcopados faziam parte, portanto, da província eclesiástica romana. Estes bispos eram chamados também *suburbicarii*, do latim *sub-* e *urbicarius* (“sob a cidade de Roma”, a *Urbs*, a cidade por antonomásia), precisamente pela proximidade geográfica das dioceses a Roma²⁶. Podemos já observar uma característica peculiar do episcopado romano. Roma é uma diocese, mas tem sede sufragâneas como um arcebispado; ao mesmo tempo, o papa não é arcebispo, mas é um bispo que,

²¹ Lajos Pásztor – L'histoire de la curie romaine, problème d'histoire de l'Église. *Revue d'histoire ecclésiastique*. 64 (1969) 353. O termo *Papatus* aparece, em vez, no século XII, veja-se Roberto Rusconi – *Santo padre. La santità del papa da San Pietro a Giovanni Paolo II*. Roma: Viella, p. 6.

²² Patriarchio. In *Enciclopedia Treccani*. In <http://www.treccani.it/vocabolario/patriarchio/>. Consultado a 28/01/2020. Veja-se também Paolo Liverani – *L'area lateranense in età tardoantica e le origini del Patriarchio*. *Mélanges de l'École française de Rome*. 116/1 (2004) 17-49.

²³ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Prime considerazioni...*, p. 99-100 e do mesmo autor *Il clero di Roma...*, p. 48-52. Para Landolfo de São Paulo, cf. Landolphus Juniore – *Historia Mediolanensis ab anno MXCV usque ad annum MCXXXVII*. In *Monumenta Germaniae Historica, Scriptores, XX*. Ed. Ludwig Bethmann; Philipp Jaffé. Hannover: Impensis Bibliopolii Avlici Hahniani, 1868, p. 41.

²⁴ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Prime considerazioni...*, p. 99-103.

²⁵ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 19-22.

²⁶ Annona. In *Enciclopedia Treccani*. In <http://www.treccani.it/enciclopedia/annona/>. Consultado a 20/05/2020 e Suburbicário. In *Vocabolario Treccani on-line*. In <http://www.treccani.it/vocabolario/suburbicario/>. Consultado a 20/05/2020.

contudo, tem uma autoridade superior aos outros bispos da província metropolitana. Roma é, portanto, um *unicum*, um caso excepcional dentro das mesmas estruturas da Igreja Católica²⁷. Este conceito de *suburbicarius* vinha da época imperial romana, em que as regiões centro-meridionais da península italiana, mais perto de Roma, eram chamadas suburbicárias ao contrário das outras regiões setentrionais que constituíam a *Italia Annonaria*. Estas regiões anonárias eram assim definidas porque pagavam a *annona*, que na sua origem era uma contribuição *una tantum* em natura, adicional aos impostos fundiários²⁸, e que durante o baixo império romano foi estendida a todas as províncias e tornou-se um recurso estável e fundamental da fiscalidade romana²⁹. Na plena Idade Média as dioceses suburbicárias eram sete, um número que se mantém ainda hoje, apesar de várias mudanças de nome e lugar destas sedes episcopais durante os séculos, como demonstrado pelos estudos de Louis Duchesne, Tommaso di Carpegna Falconieri e Uta-Renate Blumenthal³⁰. Em 1962, de facto, o Papa João XXIII (1958-1963) estabeleceu que as sete dioceses suburbicárias de Roma são as seguintes: Albano, Ostia, Porto e Santa Rufina, Palestrina, Sabina e Poggio Mirteto, Frascati e Velletri-Segni³¹. No século XI os sete bispados suburbicários eram: Ostia (bispado que foi unido à diocese de Velletri em 1150 por Papa Eugénio III, 1145-1153³²), Albano, Porto, Silva Candida – que será unida à diocese de Porto por Papa Calisto II (1119-1124)³³ –, *Tusculum* (localidade situada perto da moderna cidade de Frascati, destruída mais tarde pelos romanos em 1191³⁴), Sabina e Palestrina (Preneste)³⁵.

²⁷ Mario Fois – Papa e cardinali nel secolo XI. Una questione di metodo e una replica. *Archivum Historiae Pontificiae*. 14 (1976) 405-406.

²⁸ Lucio de Giovanni – *Istituzioni, scienza giuridica, codici nel mondo tardoantico: alle radici di una nuova storia*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2007, p. 61-62.

²⁹ Lucio de Giovanni – *Istituzioni...*, p. 62.

³⁰ Louis Duchesne – Le sedi episcopali nell'antico ducato di Roma. In *Scripta Minora. Études de topographie romaine et de géographie ecclésiastique*. Rome: École Française de Rome, 1973. p. 409-414, Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 105, Tommaso di Carpegna Falconieri – *Circoscrizioni ecclesiastiche...*, p. 83 e Uta-Renate Blumenthal – The Papacy, 1024-1122. In *The New Cambridge Medieval History: c.1024-c.1198*. Volume 4. Parte 2. Coord. de David Luscombe; Jonathan Riley-Smith. Cambridge: Cambridge University Press, 2004, p. 33.

³¹ *Ioannes PP. XXIII. Litterae Apostolicae Motu Proprio Datae Suburbicariis Sedibus. De Suburbicarium Dioecesium Regimine*. In http://w2.vatican.va/content/john_xxiii/la/motu_proprio/documents/hf_j-xxiii_motu-proprio_19620411_suburbicariis-sedibus.html. Consultado a 20/05/2020.

³² Louis Duchesne – Le sedi episcopali..., p. 435.

³³ Luigi Mezzadri; Maurizio Tagliaferri; Elio Guerriero – *Le diocesi d'Italia*. Vol. III. Cinisello Balsamo: San Paolo, 2008, p. 993.

³⁴ Valeria Beolchini – *Tusculum II: Tuscolo, una roccaforte dinastica a controllo della valle Latina: fonti storiche e dati archeologici*. Roma: L'Erma di Bretschneider, 2006, p. 98.

³⁵ Walter Ulmann – *A Short History of the Papacy in the Middle Ages*. London & New York: Routledge-Taylor & Francis, 2003, p. 88 e *L'Europa del Medioevo e del Rinascimento*. Coord. de Averil Cameron et al. Milano: Jaca Book, 1992, p. 170. Segundo Uta-Renate Blumenthal a lista era composta por: (Velletri-) Ostia, Albano, Porto, Palestrina, (Silva Candida-) Tivoli, (Gabii-Laticum) Tusculum e Sabina, cf. Uta-Renate

Vale a pena abrir um pequeno parêntesis sobre um nome que poderia causar confusão aos leitores de língua portuguesa. A diocese *de* Porto, hoje Porto e Santa Rufina, não tem qualquer relação com a diocese *do* Porto em Portugal. Neste caso o latim é muito mais claro do que os idiomas modernos, e torna-se um recurso indispensável para evitar a sobreposição ou a troca das duas dioceses. Em latim o bispo suburbicário de Roma é chamado nas fontes (como por exemplo no *Liber Pontificalis*³⁶) *Portuensis episcopus*, enquanto o bispo do Porto era *Portugalensi/Portugallensis/Portucalensis episcopus*, como mostra claramente o exemplo do bispo D. Hugo do Porto (1112/1114-1136): «domno Hugonj episcopo *Portugalensi* et ecclesi(a)e *Portugalensis* sedis»³⁷. Os sete bispos tinham um papel fundamental na liturgia hebdomadária (semanal) romana que consistia na celebração das missas, diariamente em São João de Latrão (razão pela qual os sete bispos eram chamados também *episcopi lateranenses*³⁸), e ao domingo em São Pedro, onde os bispos celebravam a missa a cada sete semanas, o que dava um total de quarenta e nove semanas, ou seja, quase um ano completo³⁹. Como se pode observar, o número sete não era casual, mas ligado a precisas funções litúrgicas, exactamente como acontecia pela divisão em sete regiões eclesiásticas da cidade de Roma, muito provavelmente na evolução do número de cardeais-presbíteros, de vinte cinco para vinte oito (voltarei a este dois temas nos próximos capítulos), e na “liturgia das estações” ou “liturgia estacional”, um momento fundamental da vida religiosa na cidade de Roma na Alta Idade Média e em particular entre os séculos VIII e IX⁴⁰. Esta liturgia marcava a profunda ligação entre o papa, o clero e a cidade de Roma («cidade ritual e simbólica»⁴¹), uma celebração tão importante

Blumenthal – *The Papacy...*, p. 33 e Claudia Zey – *Entstehung und erste Konsolidierung. Das Kardinals kollegium zwischen 1049 und 1143*. In *Geschichte des Kardinalats im Mittelalter*. Coord. Jürgen Dendorfer; Ralf Lützelshwab. Stuttgart: Anton Hiersemann, 2011, p. 65.

³⁶ *Vita Gelasii II. Liber Pontificalis nella recensione di Pietro Guglielmo OSB e del card. Pandolfo glossato da Pietro Bohier OSB, vescovo di Orvieto*. Ed. Ulderico Přerovský. Vol. II. Roma: Libreria Ateneo Salesiano, 1978, p. 728.

³⁷ *Documentos medievais portugueses. Documentos régios*. Ed. Rui Pinto de Azevedo. Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1958, doc. 121 e Francesco Renzi; Andrea Mariani – *Sobre as origens da diocese do Porto na Alta Idade Média. Uma reflexão sobre o Parochiale Suevorum e a diocese de Magneto/Meinedo (sécs. VI-VII)*. *Portvgalia*. 41 (2020) 97.

³⁸ Ian Stuart Robinson – *The Papacy, 1073-1198: Continuity and Innovation*. Cambridge: University Press, 1990, p. 33-34.

³⁹ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma...*, p. 106. Claudia Zey – *Entstehung...*, p. 64.

⁴⁰ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma...*, p. 235-253. Veja-se também Jean-Loup Lemaître – *La présence de la Rome antique dans la liturgie monastique et canoniale du IX^e au XIII^e siècle*. In *Roma antica nel Medioevo: mito, rappresentazioni, sopravvivenze nella “Respublica Christiana” dei secoli IX-XIII*. Milano: Vita & Pensiero, 2001, p. 119-131.

⁴¹ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Circoscrizioni ecclesiastiche nel medioevo alto e centrale: Il territorio tra organizzazione e rappresentazione*. In *“Rome des quartiers”: des vici aux rioni. Cadres institutionnels, pratiques sociales, et requalifications entre antiquité et époque moderne*. Coord. de Manuel Royo; Étienne Hubert; Agnès Bérenger. Paris: De Boccard, 2008, p. 78.

(em cada ano o papa chegava a celebrar as funções em cerca de quarenta igrejas romanas, as “estações”) que até foi importada e imitada por outras dioceses europeias⁴². Isto é um ponto fundamental para lembrar; em Roma a dimensão litúrgica modelava também o espaço, o calendário e a mesma estrutura da Igreja na sua projeção no território e na comunidade dos fiéis⁴³. Os bispos suburbicários desde o século VIII eram enquadrados no clero romano e tinham um papel muito importante na administração da Igreja. Os sete bispos participavam na consagração do pontífice (em particular, era o bispo de Ostia a presidir a cerimónia, com a assistência dos bispos de Porto e Albano⁴⁴) e a partir do século IX começaram a desenvolver importantes tarefas no *Patriarchium* e a ocupar, mesmo que não de forma exclusiva, o cargo de *bibliothecarius*, ou seja, o chefe da cancellaria romana⁴⁵. Os bispos suburbicários podiam ordenar todos os clérigos das igrejas romanas, com a exceção dos títulos⁴⁶, e a partir do início do século XII, os bispos começaram a substituir o arquiidiacono na função de vigário do papa (*Vicarius papae*)⁴⁷. Um testemunho muito interessante a este propósito é fornecido pelo *Liber Pontificalis* (o “Livro dos Pontífices”, uma expressão usada para indicar o conjunto de biografias dos papas compostas em várias épocas e por vários autores do início da Idade Média, séculos VI-VII, até o século XV⁴⁸) e em particular pela biografia de Papa Gelásio II (1118-1119) escrita por Pandolfo de Alatri⁴⁹. Na obra o autor fala da situação de vacância papal após a morte de Pascoal II (1099-1118), especificando que era, naquele momento, o bispo de Porto, Pedro, a deter o primado papal até a nova eleição do chanceler João de Gaeta/Gelásio II («pouco depois da morte do Papa Pascoal, o venerável senhor Pedro, bispo de Porto, que já detinha o primado do papa há algum tempo, e com ele todos os cardeais presbíteros e

⁴² Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma...*, p. 235-237.

⁴³ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Circoscrizioni ecclesiastiche...*, p. 80-81.

⁴⁴ Uta-Renate Blumenthal – *The Papacy...*, p. 33.

⁴⁵ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma...*, p. 105 e Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 131-137.

⁴⁶ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma...*, p. 108-109.

⁴⁷ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma...*, p. 108-109.

⁴⁸ Raffaello Morghen – *Liber Pontificalis*. In *Enciclopedia Italiana Treccani*. In http://www.treccani.it/enciclopedia/liber-pontificalis_%28Enciclopedia-Italiana%29/. Consultado a 20/11/2017 e Andrea Antonio Verardi – *La genesi del Liber Pontificalis alla luce delle vicende della città di Roma tra la fine del V e gli inizi del VI secolo. Una proposta. Rivista di Storia del Cristianesimo*. 1 (2013) 7-28. Sobre o *Liber Pontificalis* veja-se o novo estudo de Rosamond McKitterik – *Rome and the Invention of the Papacy: The Liber Pontificalis*. Cambridge: Cambridge University Press, 2020.

⁴⁹ Sobre a figura de Pandolfo de Alatri, veja-se os seguintes trabalhos essenciais: Louis Duchesne – *Le “Liber Pontificalis” aux mains de Guibertistes et de Pierléonistes. École française de Rome. Mélanges d’archéologie et d’histoire*. 38, (1920) 181-193. Cyrille Vogel – *Le «Liber Pontificalis» dans l’édition de L. Duchesne. In Monseigneur Duchesne et son temps*. Coord. de Henri-Irénée Marrou. Roma: École française de Rome, 1975, p. 121-127. Stefania Anzoise – *Pandolfo da Alatri*. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. In [http://www.treccani.it/enciclopedia/pandolfo-da-alatri_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/pandolfo-da-alatri_(Dizionario-Biografico)/). Consultado a 20/11/2017.

diáconos, começaram a tratar da eleição do novo pontífice»⁵⁰. A forte conexão dos bispos *suburbicarii* com Roma é evidenciada também pelo facto que alguns deles residiam periodicamente (ou estavelmente) na cidade, onde possuíam um hospital perto de São João de Latrão⁵¹. O bispo de Porto, por exemplo, não residia em *Portus* (localidade costeira e antigo porto de Roma, que hoje faz parte do município de Fiumicino, parte da cidade metropolitana de Roma), mas na Ilha Tiberina. Esta ilha no rio Tíbre era um lugar especial, porque, apesar de estar geograficamente no centro de Roma, nem sempre era considerada parte da cidade nas fontes medievais, tal como a zona de Trastevere na margem direita do Tíbre, onde se encontra também o Vaticano⁵². Os bispos suburbicários, ao contrário dos presbíteros e dos diáconos e, em caso excepcionais, até dos leigos⁵³, na Alta Idade Média não podiam ser eleitos papas⁵⁴. Nas disposições sobre a eleição pontifical de Papa Estevão III (768-772) de 769 é possível ver claramente exposta esta situação: «e consagrais ao ápice do Apostolado um entre os cardeais presbíteros e diáconos»⁵⁵. Esta condição, bastante singular se pensarmos no peso religioso e político deste grupo, pode ser explicada, como evidenciado por Agostino Paravicini Bagliani, pela proibição entre os séculos II e IX de traslação de um bispo para outra sede. Esta disposição era válida para toda a Cristandade, incluída Roma, e foi confirmada também pelo II Concílio de Niceia em 787. De facto, o bispo tinha um vínculo com o próprio bispado semelhante ao matrimónio indissolúvel entre Cristo e a Igreja⁵⁶. A partir dos últimos decénios do século IX em Roma assiste-se com sempre maior frequência à eleição de bispos como papas, um processo que seguiu também a evolução do papel de Roma e a afirmação da sua universalidade a uma escala europeia⁵⁷. Os primeiros casos foram os de Marino bispo de Cerveteri (882-884), Formoso bispo de Porto (891-896, o protagonista do macabro episódio conhecido como o "sínodo" ou "concílio do cadáver"⁵⁸) e

⁵⁰ «INTERIM autem Paschale papa defuncto, venerabilis pater domnus Petrus, Portuensis episcopus, qui primatum post papam per longa iam diutius tempore detinuerant, cumque eo omnes presbiteri ac diaconi cardinales de elegendo pontifice». Cf. *Vita Gelasii II...*, p. 729. A tradução em português é nossa.

⁵¹ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma...*, p. 107.

⁵² Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma...*, p. 107 e do mesmo autor – *Circoscrizioni ecclesiastiche...*, p. 82-83 e *Sulle prime attestazioni dei nomi dei rioni nel medioevo. Strenna dei Romanisti. Parte I* (2014) 78. Veja-se também Luigi Mezzadri; Maurizio Tagliaferri; Elio Guerriero – *Le diocesi d'Italia...*, p. 993 e Francesco Renzi; Andrea Mariani – *Sobre as origens da diocese do Porto...*, 97.

⁵³ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 3-4.

⁵⁴ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il Clero di Roma...*, p. 106

⁵⁵ *Concilium Romanum a. 769*, In *MGH, Leges, Concilia aevi Karolini [742-842]*. Vol. I. Hannover-Leipzig: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1906, p. 86 «in apostolatus culmen unus de cardinalibus aut diaconibus consecraretur». A tradução portuguesa do latim é nossa.

⁵⁶ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 5.

⁵⁷ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 7-8.

⁵⁸ Em 897 o Papa Estevão VI convocou um concílio para anular a eleição do seu predecessor, Formoso, que já tinha falecido no ano anterior. O cadáver de Formoso foi desenterrado da sua tumba em São Pedro

Estevão VI bispo de Anagni (896-897)⁵⁹. Como demonstrado pelo estudo de Michel Andrieu sobre as carreiras eclesíásticas dos papas na Idade Média, os pontífices de origem episcopal foram sempre mais numerosos, chegando até a superar, em número absoluto, os diáconos eleitos como sucessores de São Pedro⁶⁰. Os papas bispos foram no século X: João XIII bispo de Narni (965-972), Bento VII bispo de Sutri (974-983), João XIV bispo de Pavia (983-984), João XVI bispo de Piacenza (997-998), Silvestro II arcebispo de Ravena (999-1003)⁶¹. No século XI, efeito também da ação imperial e da chegada a Roma dos homens da *Reichskirche*, o número de papas de extração episcopal continuou a crescer, sinal que as normas na praxis tinham mudado fortemente em Roma, apesar destas terem sido inseridas novamente no *Ordo Romanus 36* redigido nos finais do século IX⁶². Os papas de origem episcopal no século XI foram: Sergio IV bispo suburbicário de Albano (1009-1012), Silvestro III bispo suburbicário de Sabina (1045), Clemente II bispo de Bamberg (1046-1047), Damaso II bispo de Brixen (Bressanone, hoje em Itália, 1048), Leão IX bispo de Toul (1048-1054), Victor II bispo de Eichstätt (1054-1057), Bento X bispo de Velletri (1058-1060), Nicolau II bispo de Florença (1059-1061), Alexandre II bispo de Lucca (1061-1073) e Urbano II bispo suburbicário de Ostia (1088-1099)⁶³.

3. Os cardeais-presbíteros

Os cardeais presbíteros eram os responsáveis das igrejas matrizes (dotadas de batistério e cura das almas) de Roma conhecidas também como *tituli*⁶⁴. Tratam-se

e colocado numa cadeira (não sabemos onde foi celebrado este concílio, talvez em São Pedro ou em Latrão), onde um diácono procedeu a formular as acusações contra o corpo do papa falecido, que, na evidente impossibilidade de se defender, foi condenado por ter violado a proibição de traslação de sede episcopal, com a consequente anulação de todas as suas atas e ordenações, uma decisão que mudava o cenário eclesíástico e político romano. Este episódio teve muitas repercussões nas dinâmicas da cidade na fase de passagem ente os séculos IX e X. Cf. Vito Loré; Marina C. Sarramia – Stefano VI, papa. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. In http://www.treccani.it/enciclopedia/papa-stefano-vi_%28Dizionario-Biografico%29/. Consultado a 20/05/2020.

⁵⁹ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 6-7.

⁶⁰ Michel Andrieu – La carrière ecclésiastique des papes et les documents liturgique du Moyen Âge. *Revue des Sciences Religieuses*. 3-4 (1947) 113.

⁶¹ Michel Andrieu – La carrière..., 112-113.

⁶² Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 6. Os *Ordines Romani* eram a «coleção de rubricas cerimoniais (excluídas as orações, que estão contidas nos sacramentos, antifonários e saltérios) que descrevem e documentam o desenvolvimento da liturgia papal em Roma desde o século VI até ao século XV», cf. Nicola Turchi – *Ordines Romani*. In *Enciclopedia Italiana Treccani*. In http://www.treccani.it/enciclopedia/ordines-romani_%28Enciclopedia-Italiana%29/. Consultado a 20/05/2020. A tradução portuguesa do italiano é nossa.

⁶³ Michel Andrieu – La carrière..., 113.

⁶⁴ Louis Duchesne – Les titres presbytéraux et les diaconies. Notes sur la topographie de Rome au Moyen-Âge. II. In *Scripta minora. Études de topographie romaine et de géographie ecclésiastique (1886-1923)*. Roma:

de igrejas muito antigas, dado que a maioria delas já são atestadas no século V⁶⁵. Nos primeiros séculos do Cristianismo em Roma, estas igrejas eram os lugares onde se reuniam os primeiros cristãos na *Urbs*, lugares postos à disposição por patronos privados; desta forma os cristãos eram protegidos pelo direito de propriedade privada e, portanto, encontravam-se *sub titulo*, ou seja, sob o nome, a autoridade de uma personagem poderosa e importante⁶⁶. A partir do século IV os *tituli* começaram a tornar-se centros com funções paroquiais, em que administravam o culto cerca de dois ou três presbíteros (o mais importante entre eles era definido como *presbyter prior*)⁶⁷, e a assumir os nomes dos santos e dos primeiros mártires do Cristianismo⁶⁸. Nos finais do século VI, os *tituli* já tinham atingido o número de vinte cinco, montante considerado como tradicional nas fontes romanas altomedievais e no *Liber Pontificalis*⁶⁹. Vou propor em seguida a lista dos *tituli* tradicionais de Roma elaborada por Louis Duchesne com a colocação geográfica segundo as quatorze regiões do imperador romano Augusto (27 a.C.-14 d.C.), um tema que retomarei no próximo capítulo dedicado aos cardeais-diáconos⁷⁰:

- *S. Xysti* ou *Crescenciana*, hoje São Sisto (*Regio I*);
- *Bizantii* ou *Bizantis-Pammachii*, hoje SS. João e Paulo (*Regio II*);
- *Aemiliana*, hoje SS. Quatro Mártires Coroados (*Regio II*);
- *Clementis*, hoje São Clemente (*Regio III*);
- SS. *Marcellini et Petri*, hoje SS. Marcelino e Pedro (*Regio III*);
- *Apostolorum* ou *Eudoxiae*, hoje São Pedro em Cadeia (*Regio III*);
- *Equitii*, hoje SS. Silvestre e Martinho nos Montes (*Regio III*);
- *Praxedis*, hoje Santa Praxedes (*Regio V*);
- *Pudentis*, hoje Santa Pudenciana (*Regio V*);
- *Eusebii*, hoje Santo Eusébio (*Regio V*);
- *Vestinae*, hoje Santo Vital (*Regio VI*);
- *Gaii*, hoje Santa Susana (*Regio VI*);

École Française de Rome, 1973, p. 17-20. Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 138-144. Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 109 e do mesmo autor *Circoscrizioni ecclesiastiche...*, p. 85-87.

⁶⁵ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 20.

⁶⁶ Para a definição de *titulus* veja-se Agostino Tesio – *Titolo*. *Enciclopedia Italiana Treccani*. In http://www.treccani.it/enciclopedia/titolo_%28Enciclopedia-Italiana%29/. Consultado a 22/05/2020 e Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 147.

⁶⁷ Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 147-149.

⁶⁸ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 27.

⁶⁹ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 19.

⁷⁰ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 20-27, Christian Hülsen – *Le Chiese di Roma nel Medio Evo*. Firenze: Leo S. Olschki, 1927, p. 6-10, Michel Andrieu – *Les églises de Rome au Moyen Âge*. *Revue des Sciences Religieuses*. 9/4 (1929) 540-574 e Massimo Pautrier – *I Santi delle Chiese medievali di Roma (IV-XIV secolo)*. Roma: Lulu.com, 2013, em particular pp. 7-10 e 348-349. Para a tradução dos *tituli* em português utilizei: https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_t%C3%ADtulos_cardinal%C3%ADcios. Consultado a 22/05/2020. Para a lista completa dos *tituli* até ao século XII, veja-se Rudolf Hüls – *Kardinäle...*, p. 145-218.

- *Cyriaci*, na Idade Média nomeada como São Ciriaco nas Termas Dioclecianas (desde 1587 chamada SS. Ciriaco e Julita, *Regio VI*);
- *Marcelli*, hoje São Marcelo (*Regio VII*);
- *Lucinae*, hoje São Lourenço em Lucina (*Regio IX*);
- *Damasi*, hoje São Lourenço em Dâmaso (*Regio IX*);
- *Marci* ou *Iuxta Pallacina*, hoje São Marcos (*Regio IX*);
- *Anastasiae*, hoje Santa Anastásia (*Regio XI*);
- *Fasciolae*, hoje SS. Nereu e Aquileu (*Regio XII*);
- *Balbinae* ou *Tigridae*, hoje Santa Balbina (*Regio XII*);
- *Sabinae*, hoje Santa Sabina (*Regio XIII*);
- *Priscae*, hoje Santa Prisca ou Santa Priscila (*Regio XIII*);
- *Julii et Callisti* ou *Sanctae Mariae*, hoje Santa Maria em Trastevere (*Regio XIV*);
- *Caeciliae*, hoje Santa Cecília (*Regio XIV*);
- *Chrysoni*, hoje San Crisógono (*Regio XIV*).

Para além dos vinte cinco *tituli*, em Roma temos testemunhos de outras basílicas existentes nos séculos IV-VI, mas que não se tornaram titulares ou foram apenas elevadas a esse grau na Plena Idade Média: *S. Stephani* (*Regio II*); *Liberii* (*Regio V*); *Hierusalem* ou *Heleniana* (*Regio V*, mais tarde chamada Basílica de Santa Cruz em Jerusalém), *S. Andreae* (*Regio V*); *S. Bibianae* (*Regio V*), *S. Agathae* (*Regio VI*) e *S. Iulia* (*Regio VII*)⁷¹. Louis Duchesne, autor que continua a ser uma referência essencial para os estudos sobre a Igreja Romana medieval⁷², notava como nenhum dos *tituli*, com a exceção do *titulus Anastasiae* situado no limite da região XI perto do Palatino, se encontrava na zona central de Roma, muito importante também pelos cultos religiosos pagãos romanos, perto da *Via Sacra*, do Capitólio, do *Forum Romano* e o Circo Máximo (Regiões IV, VIII, X e XI)⁷³. Louis Duchesne justificava esta distribuição geográfica com o facto que no século IV, mesmo depois do Edito de Milão de 313 promovido pelo imperador Constantino que garantia liberdade de culto dentro do império romano⁷⁴, a maioria da população de Roma continuava a ser pagã e as comunidades cristãs romanas, sobreviventes às perseguições dos séculos precedentes, preferiram manter uma abordagem prudente e instalar as igrejas matrizes em áreas mais “periféricas” da cidade⁷⁵. Para Louis Duchesne a sua hipótese era validada pelo facto de que algumas das diaconias romanas (veremos o significado deste termo no Capítulo 4) dos séculos VII e VIII, numa época em

⁷¹ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 34-35.

⁷² Sobre o impacto da obra de Louis Duchesne, veja-se Charles Pietri – *Duchesne et la topographie romaine*. In *Actes du colloque Monseigneur Duchesne et son temps*. Rome: École Française de Rome, 1975, p. 23-48.

⁷³ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 30.

⁷⁴ Marta Sordi – *I cristiani e l'impero romano*. Milano: Jaca Book, 2004 (Nuova Edizione), p. 175-178.

⁷⁵ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 30-32.

que o Cristianismo era certamente dominante, foram instituídas na parte central e monumental de Roma e em edifícios públicos ao contrário dos *tituli*, que inicialmente, como vimos, eram casas ou edifícios privados⁷⁶. Esta interpretação foi parcialmente criticada por Charles Pietri, que não considerava a quase total ausência de *tituli* na zona das regiões IV, VIII, X e XI como o resultado das perseguições ou da condição ainda precária das comunidades cristãs. Para este historiador a instalação de edifícios nessa zona precisava de uma intervenção direta no *solo publico* romano, o que implicava uma ação pública imperial, condição que raramente aconteceu nos séculos IV-V⁷⁷. Os cardeais-presbíteros tinham um papel muito importante dentro das estruturas da Igreja Romana durante os séculos medievais. Eram membros do *Collegium Sacerdotum* ("O Colégio dos sacerdotes"), coordenado por um arquipresbítero o *Archipresbyter Sanctae Romanae Ecclesiae*, que se tornou no terceiro dignitário do episcopado romano depois do papa e do arqui-diácono⁷⁸. Os cardeais presbíteros eram também os chefes da comunidade clerical da Igreja Romana (sacerdotes, súbditos, clérigos) e eventualmente também dos monges que serviam os títulos, e tinham a importante tarefa de vigiar os cemitérios (*coemeteria*) do subúrbio romano⁷⁹. Para além disso, os cardeais-presbíteros eram atentamente selecionados dentro do clero de Roma; já desde o século VIII, eles eram formados e educados no *cubiculum pontificio* (os *cubicularii* eram parte da "família" do Papa, no sentido institucional não de consanguinidade, funcionários muito próximos do papa e/ou prelados ativos na administração pontifícia⁸⁰) ou na *schola cantorum* (a "escola dos cantores" instituída pelo Papa Gregório I *Magno*, 590-604⁸¹) para assumir estes cargos de responsabilidade⁸². Uma das funções fundamentais deste grupo de cardeais era a celebração da liturgia nas quatro basílicas maiores ou patriarcais (São Pedro em Vaticano, São Paulo Extramuros, Santa Maria Maior e São Lourenço Extramuros, que, juntamente com São João de Latrão, a Basílica da Santa Cruz em Jerusalém e a Basílica de São Sebastião, no século XVI constituirão o itinerário das "Sete Igrejas" de São Filippo Neri⁸³) para

⁷⁶ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 33.

⁷⁷ Charles Pietri – *Régions ecclésiastiques et paroisses romaines*. In *Actes du XIe congrès international d'archéologie chrétienne*. Rome: École Française de Rome, 1989, p. 1042.

⁷⁸ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 109-110.

⁷⁹ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 111.

⁸⁰ Francesco Tommasi – *Giovanniti al servizio dei papi (secc. XIII-XIV)*. In *Élites et Ordres Militaires au Moyen Âge. Rencontre autour d'Alain Demurger*. Coord. de Philippe Josserand; Luís Filipe Oliveira; Damien Carraz. Madrid: Casa de Velázquez, 2015, p. 293-219. In <https://books.openedition.org/cvz/1295?lang=it>. Consultado a 22/05/2020.

⁸¹ Christopher Alan Reynolds – *Papal Patronage and the Music of St. Peter's, 1380-1513*. Los Angeles: University of California Press, 1995, p. 130

⁸² Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 116.

⁸³ Massimo Pazienti – *Le guide di Roma tra medioevo e novecento: Dai mirabilia urbis ai baedeker*. Roma: Cangemi Editore, 2013, p. 106.

a liturgia hebdomadária⁸⁴. Mais uma vez podemos observar como o sistema litúrgico baseado num calendário semanal, ao longo dos séculos medievais moldou as estruturas da Igreja Católica. Para respeitar esse calendário de celebração semanal nas quatro basílicas maiores, o número de cardeais-presbíteros subiu até vinte oito durante os séculos medievais⁸⁵. Na opinião de Stephan Kuttner este número tinha sido atingido já na Alta Idade Média, enquanto Louis Duchesne achava que este processo foi completado apenas no século XII⁸⁶. Este importante desempenho na liturgia romana, na opinião de Stephan Kuttner, era o elemento fundamental que deu acesso aos presbíteros ao grau de cardeal da Igreja Romana; o cardinalado, então, era em primeiro lugar uma função litúrgica, que só progressivamente se tornou numa dignidade eclesiástica de alto nível, que ofereceu também a muitos prelados uma importante oportunidade de promoção social⁸⁷. Vale a pena abrir um pequeno parêntesis a propósito das celebrações litúrgicas em Roma na Alta Idade Média e em particular nas basílicas maiores, em que os monges tiveram, até à reforma canonical do século XI⁸⁸, um papel fundamental⁸⁹. O monaquismo, presente na cidade de Roma pelo menos desde o século IV⁹⁰, teve um peso muito relevante tanto para o Papado, em particular nos séculos VI-IX, como para a aristocracia urbana sobretudo desde o século X⁹¹. Os monges dos séculos altomedievais prestavam o seu serviço nas principais igrejas da cidade para a celebração do ofício divino (*Opus Dei*) e das orações nos horários canónicos de dia e de noite⁹². Como evidenciado pelo estudo de Lidia Capo, o serviço litúrgico monástico em Roma era tão importante, que era reconhecido tanto dentro da Igreja Católica (para Papa Gregório I *Magno* se os presbíteros não oficiavam corretamente a liturgia podiam ser substituídos por monges⁹³), como internacionalmente ao ponto de ter uma menção especial, pela sua extraordinária capacidade litúrgica, na obra de um dos

⁸⁴ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 111 e Horst Fuhrmann – *Germany in the High Middle Ages: C.1050-1200*. Trad. Ing. por Timothy Reuter. Cambridge: Cambridge University Press, 1995, p. 53.

⁸⁵ Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 148 e Tommaso di Carpegna Falconieri – *Circoscrizioni ecclesiastiche...*, p. 86.

⁸⁶ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 34-35. Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 148-149.

⁸⁷ Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 148-150. Werner Maleczek – *Il cardinalato come motore dell'ascesa sociale a Roma nei secoli XII e XIII*. In *La mobilità sociale nel Medioevo italiano*. Vol. 5 *Roma e la Chiesa (secoli XII-XV)*. Coord. de Cristina Carbonetti Vendittelli; Marco Vendittelli. Roma: Viella, 2017, p. 11-22. Claudia Zey – *Entstehung...*, p. 73-74.

⁸⁸ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 153-165 e 177 e sgs. Lidia Capo – *Monaci e monasteri nella storia di Roma attraverso le fonti della chiesa romana (secoli VI-X)*. *Reti Medievali Rivista*. 19/1 (2018) 323.

⁸⁹ Lidia Capo – *Monaci e monasteri...*, 304-324.

⁹⁰ Lidia Capo – *Monaci e monasteri...*, 305.

⁹¹ Lidia Capo – *Monaci e monasteri...*, 306-307.

⁹² Lidia Capo – *Monaci e monasteri...*, 308.

⁹³ Lidia Capo – *Monaci e monasteri...*, 317-318.

autores mais famosos do século VIII: Beda o *Venerável*⁹⁴. A historiografia moderna, penso por exemplo nos estudos de Giulia Barone e Umberto Longo, hoje reconhece cada vez mais o papel central do mundo monástico na cidade de Roma, não só pelos importantes papas de extração monástica dos séculos XI-XII⁹⁵ e a sua contribuição fundamental na gestão do culto e nas obras de assistência à povoação local e aos peregrinos, mas também pelo seu aporte teológico e eclesiológico na elaboração e na difusão da ideia de Primado Romano⁹⁶. Como no caso dos cardeais-bispos, também os presbíteros começaram a ter no século XI um papel sempre mais importante no governo papal na sua fase de reforma e internacionalização. Este processo teve consequências muito profundas nas estruturas dos *tituli* e do clero romano na Plena Idade Média. Nos séculos VIII-IX, o cardeal-presbítero era fortemente ligado ao seu título, de facto, a sua função na igreja matriz era a de pároco⁹⁷, tanto de subministrar diretamente o batismo aos fiéis e não participar por exemplo na liturgia estacional, ao contrário dos cardeais-bispos e dos diáconos, ou noutras formas específicas de liturgia papal; a união entre o cardeal e o seu título estava, portanto, fora de discussão⁹⁸. Na segunda metade do século XI os cardeais-presbíteros, empenhados na Cúria a nível europeu, separaram-se progressivamente dos seus títulos de referência, que começaram a ser administrados efetivamente por uma figura chamada *archipresbyter* (arquipresbítero ou "arciprete" em italiano), definida no IV Concílio Lateranense como vigário do cardeal⁹⁹. Este tipo de prelado não deve ser confundido ou sobreposto ao *archipresbyter* que presidia o *Sacrum Collegium* e o *archipresbyter* das basílicas¹⁰⁰, ou seja, um grupo especial de arquipresbíteros que dirigiam os cónegos e administravam a vida paroquial e parte da liturgia nas basílicas maiores e que, mais tarde, foram elevados ao grau de cardeais¹⁰¹. Esta separação entre o cardeal-presbítero e o seu título, e a introdução do arquipresbítero ao longo do século XI nas igrejas matrizes de Roma, pode ser interpretada como um exemplo da fratura entre o clero papal e o clero da *Urbs*, que já foi abordada, e que se tornará também uma divisão normada juridicamente com o nascimento da *Romana Fraternitas* em 1143, instituição que reunia e representava

⁹⁴ Lidia Capo – *Monaci e monasteri...*, 317-323.

⁹⁵ Ian Stuart Robinson – *The Papacy...*, p. 211.

⁹⁶ Umberto Longo – *I cistercensi...*, p. 330-345. Veja-se também Giulia Barone – *Chierici, monaci e frati. In Roma Medievale*. Coord. de André Vauchez. Roma-Bari: Laterza, 2001, p. 187-212.

⁹⁷ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Prime considerazioni...*, p. 87.

⁹⁸ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 112-113. Sobre a prática do batismo nos *tituli*, veja-se também Pietri Charles – *Régions ecclésiastiques...*, p. 1061-1062.

⁹⁹ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 128. Dello stesso autore si veda *La curia romana tra XI e XIII secolo: a proposito di libri già scritti e di libri che mancano ancora*. In *A Igreja e o clero português no contexto europeu*. Lisboa: UCP-CEHR, 2005, p. 195-203.

¹⁰⁰ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 110 e 173-176.

¹⁰¹ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 172-173.

o *clero Urbis*¹⁰². Os arquipresbíteros dos títulos tinham poder e prestígio em Roma e até um arquipresbítero, Maginulfo, foi eleito *papa* ou *antipapa* com o nome de Silvestre IV (1105-1111), em oposição ao candidato eleito pelos cardeais adversários do *antipapa* Clemente III, ou seja, Papa Pascoal II, sinal evidente da distância cada vez maior entre os dois grupos de eclesiásticos¹⁰³. O processo de separação entre o cardeal e o seu título será ainda mais forte no século XIII com a instituição dos cardeais *sine titulo* (“sin título”), completamente desligados do rol de pároco e administrador no sistema tradicional das igrejas matrizes romanas¹⁰⁴.

4. Os cardeais-diáconos

Os diáconos constituíam uma figura muito complexa dentro da estrutura da Igreja de Roma, tendo conta que desde a origem do Cristianismo na *Urbs* estavam entre os eclesiásticos mais importantes¹⁰⁵. A tradição historiográfica atribuiu ao Papa Fabiano (236-250) a instituição de sete regiões eclesiásticas em que era organizado o território da cidade, uma forma de enquadramento religioso dos fiéis, mas que não necessariamente tinha também um valor de divisão administrativa e civil para a povoação¹⁰⁶. Em Roma existiram durante os séculos medievais diferentes sistemas de organização do território e gestão dos recursos urbanos e distintas formas de representação e percepção do espaço da cidade e dos seus habitantes¹⁰⁷, que respondiam a lógicas e são documentadas por fontes de diversas tipologias e cronologias, que merecem sempre uma investigação atenta, específica e contextualizada historicamente¹⁰⁸. Cada região eclesiástica era administrada por um diácono (os sete diáconos eram também chamados *diaconi regionarii* e até ao pontificado de Gregório I Magno constituíram o conselho do pontífice¹⁰⁹)

¹⁰² Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 171 e 241-250.

¹⁰³ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 170-171. Sobre a relação entre Pascoal II, o *antipapa* Clemente III e o *antipapa* de Pascoal II, Teodorico/Adalberto bispo de Silva Candida, veja-se Glauco Maria Cantarella – *Pasquale II e il suo tempo*. Napoli, 1997, p. 52-57.

¹⁰⁴ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 128.

¹⁰⁵ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 128-129.

¹⁰⁶ «Vers le milieu du IIIe siècle, le pape Fabien avait réparti entre ses sept diacres les divers quartiers de la ville et créé ainsi sept circonscriptions ecclésiastiques», citação de Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 18.

¹⁰⁷ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 128.

¹⁰⁸ Louis Duchesne – *Les régions de Rome au moyen-âge. Mélanges d'archéologie et d'histoire*. 10 (1890) 127. Pietri Charles – *Régions ecclésiastiques...*, p. 1043-1044, Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 179 e Tommaso di Carpegna Falconieri – *Circoscrizioni ecclesiastiche...*, p. 77-79. Sobre a evolução da figura do *diácono*, vejamos o excelente trabalho de Adélio Fernando Abreu – *O Diaconado Permanente ao longo da História: da emergência ao desaparecimento. Revista de Humanística e Teologia*. 29 (2008) 37-63 e também Louis Duchesne – *Le sedi episcopali...*, p. 410 e sgs.

¹⁰⁹ Friedrich Kemp – *Movimenti di Rinnovamento e di Riforma*. In *Storia della Chiesa. Volume IV Il primo medioevo: progressivo distacco da Bisanzio, l'epoca carolingia, gli Ottoni e la riforma gregoriana (VIII-XII*

enquadrado no *Patriarchium Lateranense*¹¹⁰. O arqui-diácono, o primeiro dignitário da Igreja Romana depois do papa, coordenava os diáconos regionais e as outras figuras administrativas das regiões eclesiásticas romanas, ou seja, os sete subdiáconos e os acólitos regionais¹¹¹. Portanto, os diáconos regionais eram na Alta Idade Média membros de um sistema centralizado e não eram diretamente ligados aos territórios, ou a uma igreja de competência, como por exemplo os cardeais-presbíteros¹¹². Agora, é necessário especificar as outras tipologias de organização administrativa romanas para evitar equívocos na leitura das fontes ou das obras historiográficas, porque existiam mais duas estruturas regionais civis que em certos momentos precisos da história de Roma coexistiram no espaço urbano com as sete regiões eclesiásticas, desempenhavam funções diferentes e que não estavam necessariamente relacionadas entre elas¹¹³. A primeira organização territorial era a das quatorze regiões do imperador Augusto, um sistema que entrou em crise na fase final do império. A partir daquele momento e durante o período bizantino de Roma (em particular nos séculos VI-VII em que o Papado teve uma forte influência grega, antes das crises entre Roma e Constantinopla e o *scisma* do século XI¹¹⁴) a divisão eclesiástica começou a ter cada vez mais importância¹¹⁵. Contudo, a divisão eclesiástica em sete regiões, na época imperial e tardo antiga provavelmente não substituiu de todo a organização imperial, mas os dois sistemas coexistiram em Roma¹¹⁶. Segundo a reconstrução de Giovanni Battista de Rossi, as regiões eclesiásticas, de facto, parecem uma forma de encorpamento parcial das regiões do imperador romano Augusto, um sistema que permitia suportar os fiéis de Roma, dentro de um espaço urbano em que a distribuição da povoação e as dinâmicas demográficas entre a Tarda Antiguidade e Alta Idade Média mudaram sensivelmente¹¹⁷. Finalmente, outra divisão admi-

sec.). Coord. de Hubert Jedin. Milano: Jaca Book, 1972, p. 8. Veja-se também John F. Romano – *Liturgy and Society in Early Medieval Rome*. London & New York: Routledge, 2016 (Nova Edição), p. 229 e 247.

¹¹⁰ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 133.

¹¹¹ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 128-130

¹¹² Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 133-136.

¹¹³ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Circoscrizioni ecclesiastiche...*, p. 77-80.

¹¹⁴ Paolo Delogu – Il passaggio dall'Antichità al Medioevo. In *Roma Medievale...*, p. 11-17. Sobre a questão do *scisma* de 1054, e o seu contexto, veja-se o inovador trabalho de Nicola Naccari – *Esportare le riforme. Primato papale e ecclesiologia nei rapporti con la Chiesa greca tra XI e XII secolo*. In *Contra Latinos et adversus Graecos. The separation between Rome and Constantinople from the Ninth to the Fifteenth Century*. Coord. de Alessandra Bucossi; Anna Calia. Leuven-Paris-Bristol: Peeters, 2020, 134-152.

¹¹⁵ Giovanni Battista de Rossi – *La Roma sotterranea cristiana*. Vol. III. Roma: Cromo-Litografia Pontificia, 1877, p. 514-517, Louis Duchesne – *Régions...*, p. 127-128, Paolo Delogu – *Il passaggio...*, p. 3-40 e Andrea Argenti – *Il Palatino nel Medioevo: archeologia e topografia (secoli VI-XIII)*. Roma: L'«Erma» di Bretschneider, 1996, p. 11-13.

¹¹⁶ Letizia Pani Ermini – *La Roma di Gregorio Magno*. In *Lorbis christianus antiquus di Gregorio Magno*. Vol. I. Coord. de Letizia Pani Ermini. Roma: Società romana di storia patria, 2007, p. 35.

¹¹⁷ Giovanni Battista de Rossi – *La Roma ...*, p. 514-517 e Paolo Delogu – *Il passaggio...*, p. 3-40.

nistrativa de Roma era a das regiões (ou *rioni*, “bairros”) – doze no século XII e treze no século XIV –, que aparecem mencionadas pela primeira vez na *Vita* de Papa Gelásio II de Pandolfo de Alatri, mas que provavelmente existiam em Roma já desde o século X¹¹⁸. Esta organização administrativa não estava relacionada com as regiões de Augusto ou com as eclesiásticas presididas pelos diáconos¹¹⁹. Louis Duchesne achava que estas regiões civis (encorpamento dos vários núcleos habitados de Roma¹²⁰) derivavam diretamente da organização do espaço urbano durante o período do controlo bizantino de Roma, enquanto hoje os estudos mais recentes tendem a ver as regiões/*rioni* como uma forma de enquadramento da povoação romana ligada às exigências militares¹²¹. As regiões/*rioni* não eram a continuação direta da organização bizantina, mas partilhavam o mesmo critério de base¹²². O quadro romano complica-se ulteriormente nos séculos VII-VIII, quando em Roma aparecem as diaconias, estruturas eclesiásticas (cuja relação com os mosteiros é ainda objeto de debate entre os historiadores¹²³) que assistiam os fiéis da cidade¹²⁴. Apesar da terminologia altomedieval, diácono/diaconias, as duas instituições não tinham qualquer ligação fixa entre elas até aos séculos XI e XII, quando os cardeais-diáconos (o título de *diaconus cardinalis* aparece pela primeira vez em 769¹²⁵) começaram a assinar a documentação papal, associando o próprio nome a uma igreja de diaconia, como faziam os cardeais-presbíteros com os *tituli*, fenómeno evidente, por exemplo, na documentação de Papa Pascoal II¹²⁶. Nas subscrições dum documento papal de 1116 (em que, entre os *subscriptores*, aparece o bispo do Porto D. Hugo¹²⁷) podemos ver claramente a associação entre presbítero e título («Ego Anastasius cardinalis presbyter tituli B. Clementis, interfui et subscripsi», “Eu Anastásio, cardeal-presbítero do título de São Clemente, estive

¹¹⁸ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Sulle prime attestazioni...*, 78-80.

¹¹⁹ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Sulle prime attestazioni...*, 73-74.

¹²⁰ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Sulle prime attestazioni...*, 77.

¹²¹ Louis Duchesne – *Régions...*, p. 149, Tommaso di Carpegna Falconieri – *Sulle prime attestazioni...*, 79. Sobre os *Rioni* veja-se também o clássico de Camillo Re – *Le regioni di Roma nel Medio Evo. Studi e documenti di storia del diritto*. 10 (1889) 349-381 e as obras de Chris Wickham – *Medieval Rome: Stability and Crisis of a City, 900-1150*. Oxford: University Press, 2015, p. 120-123 e Jean-Claude Maire Vigueur – *L'altra Roma. Una storia dei romani all'epoca dei comuni (secoli XII-XIV)*. Torino: Einaudi, 2013, p. 131-140.

¹²² Tommaso di Carpegna Falconieri – *Sulle prime attestazioni...*, p. 77-80.

¹²³ Lidia Capo – *Monaci e monasteri...*, 311-313.

¹²⁴ Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 181-189.

¹²⁵ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 128.

¹²⁶ Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 198. Sobre os *subscriptores* de Pascoal II veja-se Philippus Jaffé; Samuel Löwenfeld – *Regesta Pontificum Romanorum*. Vol. I. Leipzig: Veit et comp., 1885, p. 657-658.

¹²⁷ Andrea Mariani; Francesco Renzi – Redescubrir un obispo ibérico del siglo XII: Hugo de Oporto y el contexto político-eclesiástico del Condado de Portugal (1112-1136). In *Sociedad, Cultura y Religión en la Plena Edad Media*. Coord. de Andrea Vanina Neyra; Victoria Casamiquela Gerhold. Buenos Aires: IMHICIHU-CONICET, 2019, p. 78.

presente e subscrevi"¹²⁸) e entre diácono e igreja de diaconia («Ego Aldo, diaconus cardinalis venerabilis diaconii Sanctorum Sergii et Bacchi, subscripsi», "Eu Aldo, cardeal-diácono dos Santos Sérgio e Baco, subscrevi"¹²⁹). Entre os séculos XI-XII o número de diaconias e cardeais-diáconos fixou-se em dezoito¹³⁰. Portanto, nessa época começamos a ter uma ideia mais definida do número teórico (muitas vezes as sedes podiam estar vacantes ou ter mais que um cardeal, por exemplo quando havia um scisma entre dois pontífices, dado que os *antipapas* podiam nomear *pseudo-cardeais* ou *anticardeais*¹³¹) dos componentes do *Sacrum Collegium* pleno medieval, divididos entre bispos, presbíteros e diáconos¹³². Em seguida reproduzo a lista elaborada por Louis Duchesne das dezoito diaconias romanas (séculos XI-XII), geograficamente distribuídas segundo as regiões de Augusto:

- Santa Maria em Dominica (*Regio II*).
- Santa Lucia em Orphea ou *Silice* (*Regio III*);
- SS. Cosma e Damião (*Regio IV*);
- Santa Maria Antiqua (*Regio IV*);
- SS. Vito, Modesto e Crescência (São Vito in *Macello Martyrum*, *Regio V*);
- Santa Ágata dos Góticos (ou "em Suburra", *Regio VI*);
- Santa Maria na *Via Lata* (*Regio VII*);
- São Teodoro (*Regio VIII*);
- SS. Sérgio e Baco (*Regio VIII*);
- Santo Adriano no Fórum (*Regio VIII*);
- Santo Angelo em *Pescheria* (*Regio IX*);
- Santa Maria em Aquiro (*Regio IX*);
- Santo Eustáquio (*Regio IX*);
- Santa Lúcia em *Septisolio* (*Regio X*);
- Santa Maria em Cosmedin (*Regio XI*);
- São Jorge em Velabro (*Regio XI*);
- SS. Nereu e Aquileu (*Regio XII*). Após o VII século foi convertido numa diaconia e posteriormente de novo em *titulus*;
- São Bonifácio (*Regio XIII*, São Bonifácio e SS. Nereu e Aquileu foram substituídas por Santa Maria no Pórtico de Otávia e São Nicolau no Cárcere)¹³³.

¹²⁸ JL 4811 (Latrão março 24 1116) = PL CLXIII, Paschalis II papae ep. CDLXVI, cols. 402- 404. Sobre a figura de Anastácio de São Clemente, veja-se Rudolf Hüls – *Kardinäle...*, p. 161-162.

¹²⁹ JL 4811 (Latrão março 24 1116) = PL CLXIII, Paschalis II papae ep. CDLXVI, cols. 402- 404. Sobre a figura de Aldo dos SS. Sérgio e Baco, veja-se Rudolf Hüls – *Kardinäle...*, p. 241-242.

¹³⁰ Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 198.

¹³¹ Gaetano Moroni – *Dizionario di erudizione storico-ecclesiastica da s. Pietro sino ai nostri*. Venezia: Tipografia Emiliana, 1840, col. 163.

¹³² Claudia Zey – *Entstehung...*, p. 66-70 e 75-76. Anna Sammassimo – *Cardinalato...*, p. 134.

¹³³ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 37-39. Para a lista completa das diaconias no século XII, veja-se Rudolf Hüls – *Kardinäle...*, p. 219-244. Para a tradução dos nomes em português utilizei

Segundo Stephan Kuttner, ao diácono regional, que começou a estar associado a uma igreja de diaconia, foi estendido o modelo dos *tituli* que já se tinha plenamente afirmado no sistema da Igreja Romana¹³⁴. Este progressivo processo de homologação tem sido mais recentemente criticado por Tommaso di Carpegna Falconieri. Na opinião do historiador italiano este processo remontava já ao século IX com a crise profunda do sistema regional da cidade¹³⁵. Naquela situação os *diaconi regionarii*, começaram a aproximar-se das diaconias e a ter um papel sempre mais significativo nestas estruturas eclesíásticas, ao ponto de ter exemplos de diáconos a administrar diaconias já no século XI¹³⁶. Desta forma, os diáconos podiam manter, através das diaconias, uma forma de controlo sobre o território romano, dado que as diaconias eram uma referência muito importante para a povoação de Roma e desempenhavam tarefas muito semelhantes das dos diáconos regionais, como a distribuição da *annona* entre os cidadãos (de facto o abastecimento alimentar da comunidade) e assistência aos habitantes locais¹³⁷. A partir do século X, portanto, assiste-se em Roma a um processo de descentralização do poder; dos diáconos todos enquadrados no *Patriarchium* em Latrão, a cardeais-diáconos ligados a uma igreja de diaconia, que operavam numa zona concreta da cidade, sistema que obviamente não impedia a circulação dos clérigos romanos dentro do espaço urbano¹³⁸. Finalmente, como temos observado, as disposições de Papa Estevão III estabeleciam que os pontífices tinham que ser escolhidos entre os presbíteros e os diáconos, mas a partir do século X o número de papas diáconos diminuiu fortemente¹³⁹. Michel Andrieu individuou a causa deste fenómeno no facto que, a partir do século X, para aceder ao trono de São Pedro, o candidato tinha primeiro que ser ordenado sacerdote (como no caso do arqui-diácono Ildebrando, futuro Papa Gregório VII), condição que excluía a maioria dos diáconos¹⁴⁰. As fontes medievais representam com uma linguagem diferente as eleições de um candidato papal baseado na sua condição pregressa. Por exemplo, os *Annales Romani* descrevem a eleição de Gelásio II (João de Gaeta, monge de Montecassino e chanceler da Igreja Romana) em duas fases: ordenação sacerdotal e consagração do eleito («No dia seguinte, sábado, o referido Gelásio II foi ordenado presbítero e no domingo foi consagrado pontífice»¹⁴¹), enquanto Orderico Vital ao apresentar a eleição de Calisto II (Guido, arcebispo de Vienne,

https://pt.wikipedia.org/wiki/Lista_de_t%C3%ADtulos_cardinal%C3%ADcios. Consultado a 28/05/2020.

¹³⁴ Stephan Kuttner – *Cardinalis...*, 198.

¹³⁵ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 131-136.

¹³⁶ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 132.

¹³⁷ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 134.

¹³⁸ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 133.

¹³⁹ Michel Andrieu – *La carrière...*, 113.

¹⁴⁰ Michel Andrieu – *La carrière...*, 107.

¹⁴¹ *Annales Romani*. In *MGH, Scriptores*. Vol. V. Ed. Georg H. Pertz. Hannover: IBAH, 1844, p. 477.

já ordenado sacerdote) utiliza o verbo *intronizare* ("pôr no trono") para a eleição do novo papa¹⁴². Concluimos este capítulo com as listas das várias divisões administrativas e eclesiásticas de Roma entre a época imperial e a Idade Média:

1) Regiões do imperador Augusto:

- *Regio I-Porta Capena*;
- *Regio II-Celimumtius*;
- *Regio III-Isis et Serapis*;
- *Regio IV-Templum Pacis*;
- *Regio V-Esquiliae*;
- *Regio VI-Alta Semita*;
- *Regio VII-Via Lata*;
- *Regio VIII-Forum Romanum*;
- *Regio IX-Circus Flaminius*;
- *Regio X-Palatium*;
- *Regio XI-Circus Maximus*;
- *Regio XII-Piscina Publica*;
- *Regio XIII-Aventinus*;
- *Regio XIV-Trans Tiberim*¹⁴³.

2) As treze regiões civis ou *rioni* (lista do século XIV)¹⁴⁴:

- Monti
- Trevi
- Colonna
- Campo Marzio
- Ponte
- Sant'Eustachio
- Trastevere
- Regola
- Parione
- Pigna
- Sant'Angelo
- Ripa
- Campitelli

3) As sete regiões eclesiásticas altomedievais segundo o estudo de Giovanni Battista de Rossi publicado em 1877¹⁴⁵:

- *Região I*: A primeira região eclesiástica estendia-se às áreas incluída nas regiões XII e XII da divisão imperial de Augusto;
- *Região II*: A segunda região eclesiástica ocupava as zonas do *Caelimontius* e do Foro Romano (Regiões de Augusto II e VIII);

¹⁴² *The Ecclesiastical History of Orderic Vitalis*. Vol. VI. Ed. Marjorie Chibnall. Oxford: Clarendon Press, 1969, p. 209 (a tradução em português do latim é nossa) e Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 80-92.

¹⁴³ Louis Duchesne – *Titres et les diaconies...*, p. 20-27.

¹⁴⁴ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Sulle prime attestazioni...*, 73.

¹⁴⁵ Giovanni Battista de Rossi – *La Roma...*, p. 514-517. Veja-se também Pietri Charles – *Régions ecclésiastiques...*, p. 1041-1042.

- *Região III*: A terceira região eclesiástica correspondia aos territórios das regiões civis III e V;
- *Região IV*: A quarta região eclesiástica agrupava as regiões IV e VI de Augusto, *Forum* ou *Templum Pacis* e *Alta Semita*;
- *Região V*: A quinta região eclesiástica correspondia à *Regio VII, Via Lata*;
- *Região VI*: A sexta região eclesiástica segundo Giovan Battista De Rossi devia corresponder à *Regio IX* de Augusto, ou seja, *Circus Flaminius*;
- *Região VII*: A sétima região eclesiástica correspondia a *Trans Tiberim* (*Regio XIV*) a única região de Augusto da margem direita do Tíbre (onde se encontram também São Pedro e o Vaticano). Este é o único caso, também por razões geográficas, em que a região romana civil, a região eclesiástica e a região/*rione* medieval coincidem.

5. A eleição do Papa: O *Decretum* de 1059, os cardeais e o clero urbano de Roma¹⁴⁶

O ano de 1059 é um momento de mudança importantíssimo nas relações entre os cardeais, o Papado e o clero urbano de Roma, graças à redação de um documento conhecido como *Decretum in Electione papae* ou *in coena Domini*¹⁴⁷. Trata-se de um texto de enorme relevância que modificava profundamente as modalidades de eleição do pontífice, com a introdução de algumas sensíveis modificações ao procedimento estabelecido em 769 pelo Papa Estevão III. As normas do século VIII insistiam particularmente no facto que o papa tinha que ser escolhido entre os membros, presbíteros ou diáconos, só e exclusivamente do clero de Roma¹⁴⁸. Sabemos que durante a Alta Idade Média a praxis da eleição papal tinha progressivamente mudado com o acesso dos bispos ao trono de Pedro e que as disposições sobre a proibição dos leigos de interferir com a escolha do papa nem sempre tinham funcionado; basta pensar nos episódios de eleições papais dos séculos IX e X (Sérgio II, 844-847, Estevão V 885-891, João XII, 955-964) inseridas nas biografias do *Liber Pontificalis*, em que o povo de Roma (distinto em muitos casos entre *populus* e *vulgus*¹⁴⁹), interveio na eleição¹⁵⁰. Contudo,

¹⁴⁶ Neste Capítulo 5, proponho uma versão atualizada do meu Francesco Renzi – *Uno sguardo...*, p. 283-314.

¹⁴⁷ Glauco Maria Cantarella – *Il sole e la luna...*, p. 64.

¹⁴⁸ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 22.

¹⁴⁹ Como evidenciado por Chris Wickham, o termo *populus* (“povo”) era oposto a *nobiles* (“nobres”), mas o seu significado era muito ambíguo e não especifica uma grande massa de pessoas indistintas (como parece significar o termo *vulgus*, “vulgo”), mas grupos pequenos de atores e líderes políticos, cuja composição variava com base na época, no contexto (civil ou eclesiástico) e no ponto de vista de quem escrevia. Cf. Chris Wickham – *Rome...*, p. 262-263 e para algumas menções do termo *vulgus*, veja-se Francesco Renzi – *Uno sguardo...*, p. 310-311

¹⁵⁰ Para as biografias dos papas referidos, cf. o *Liber Pontificalis*. Vol. II. Ed. Louis Duchesne. Paris: Ernest Thorin Editeur, 1892, p. 192, 195 e 256. Francesco Renzi – *Uno sguardo...*, p. 310-311. Agostino Paravicini

o *Decretum* de 1059 mudava completamente o panorama da eleição pontifícia. Estas modificações da normativa do século VIII, foram inseridas para justificar a eleição papal em 1058 de Nicolau II (1058-1061), ou seja, Gerardo bispo de Florença¹⁵¹, uma eleição que teve lugar em Siena (Toscânia) durante a crise sucessiva à morte do Papa Estevão IX (†1058)¹⁵². A aristocracia romana, aproveitando a vacância do poder imperial (Henrique III tinha falecido em 1056 e o futuro Henrique IV era ainda menor¹⁵³), tentou eleger imediatamente após a morte do pontífice o próprio candidato, Bento X (João bispo de Velletri, 1058¹⁵⁴), uma eleição que foi declarada ilegítima pelos eclesiásticos do entorno do recém-falecido Estevão IX¹⁵⁵. Na opinião de Tommaso di Carpegna Falconieri este episódio marcou a primeira fratura evidente entre os cardeais e o resto da cidade de Roma¹⁵⁶. O *Decretum in Electione Papae* de 1059, de facto, estabelecia que a escolha do pontífice era essencialmente reservada aos cardeais – em primeiro lugar aos cardeais-bispos e em segundo aos cardeais “clérigos”, ou seja, os presbíteros e os diáconos¹⁵⁷ – e que o papa não devia ser obrigatoriamente escolhido entre os membros do clero romano¹⁵⁸. Na *Vita* de Gelásio II temos uma detalhada descrição do trabalho dos cardeais para a eleição do papa e o cronista, Pandolfo de Alatri, até indica a igreja romana, Santa Maria de Pallara (hoje conhecida como Igreja de São Sebastião no Palatino, situada a menos de quinhentos metros do Colosseo em Roma¹⁵⁹), em que este grupo se tinha retirado, juntamente com

Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 19-20.

¹⁵¹ Para uma panorâmica geral sobre a figura do Papa Nicolau II, cf. Annamaria Ambrosioni; Alfredo Lucioni – Niccolò II, papa. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. In [http://www.treccani.it/enciclopedia/papa-niccolo-ii_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/papa-niccolo-ii_(Dizionario-Biografico)/). Consultado a 26/05/2020.

¹⁵² Para as disposições de Estevão III de 769, cf. *Concilium Romanum a. 769...*, em particular p. 86; para a edição do *Decretum in Electione papae*, veja-se o *Decretum in Electionis pontificiae*. In MGH, *Constitutiones et acta publica imperatorum et regum*. Vol. I, a. 911-1197. Ed. Ludwig Weiland. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1893, p. 538-540 e Hans-Georg Krause – *Das Papstwahldekret von 1059 und seine Rolle im Investiturstreit*. Roma: Ist. Grafico Tiberino, 1960, p. 101-106. Sobre este tema veja-se com atenção Glauco Maria Cantarella – *Il sole e la luna...*, p. 64-66 e Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 19-21.

¹⁵³ Glauco Maria Cantarella – Il papato: riforma, primato e tentativi di egemonia. In *Storia Medievale*. Coord. de Enrico Artifoni. Roma: Donzelli Editore, 1998, p. 277.

¹⁵⁴ Ovidio Capitani – Benedetto X, antipapa. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. Volume 8. Roma: Treccani. 1966. In [http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-benedetto-x_\(Dizionario-Biografico\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/antipapa-benedetto-x_(Dizionario-Biografico)/). Consultado a 30/06/2020.

¹⁵⁵ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 19-20.

¹⁵⁶ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Prime considerazioni...*, p. 104-112.

¹⁵⁷ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 20.

¹⁵⁸ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 21. *Decretum in Electionis pontificiae...*, p. 539-540. Veja-se também Venício Marcolino – O decreto de 1059 sobre a eleição do papa. *Didaskalia*. 6 (1976) 65-94.

¹⁵⁹ Laura Marchiori – Medieval wall painting in the church of Santa Maria in Pallara, Rome: the use of objective dating criteria. *Papers of the British School at Rome*. 77 (2009) 225.

outros eclesiásticos e alguns leigos, para escolher o novo pontífice¹⁶⁰. Ainda não se pode falar plenamente de conclave (instituído só a partir de 1274¹⁶¹), mas este episódio mostra muito bem como este grupo, mesmo fisicamente, se separava (ou melhor: tentava fazê-lo), do resto da cidade durante o processo de eleição¹⁶². Para além disso, a eleição do papa podia ter lugar também fora de Roma (Papa Calisto II, por exemplo foi eleito em Cluny¹⁶³) e ao clero urbano de Roma e aos habitantes da cidade era reservado apenas o direito de dar posteriormente o próprio consenso ao eleito, o candidato escolhido pelos cardeais¹⁶⁴. A mudança era realmente fortíssima no que diz respeito à tradição romana medieval precedente. Como observaram Mary Stroll, Glauco Maria Cantarella e Agostino Paravicini Bagliani, um dos pontos mais controversos do *Decretum* era a relação entre a eleição papal e o papel do imperador e rei de Alemanha¹⁶⁵. Entre os séculos V e IX, existia em Roma a praxis de avisar o imperador em Constantinopla, os reis da dinastia pipinida, aliados dos papas contra os longobardos, ou os imperadores. Para além disso, o *Privilegium Othonis* de 962, outorgado por Otão I¹⁶⁶, previa teoricamente que a eleição do papa tivesse a presença do imperador ou dos seus emissários¹⁶⁷. O *Decretum* elaborado numa situação de urgência e na ausência do poder imperial em Roma, falava genericamente de guardar a “honra” e a “reverência” devida ao rei de Alemanha Henrique, futuro imperador Henrique IV¹⁶⁸, mas sem especificar exatamente o que isto queria dizer e comportava num plano operativo. O imperador tinha que ser avisado antes da eleição? O imperador tinha que aprovar previamente o candidato? Ou ele podia ser avisado posteriormente e confrontado diretamente com um dado consumado¹⁶⁹? O tema é ainda mais complexo, se pensamos que existia também outra versão do *Decretum* de 1059,

¹⁶⁰ Para a o nome da igreja veja-se a *Vita Gelasii II*. In *Liber Pontificalis* (Ed. Louis Duchesne, vol. II)..., p. 313.

¹⁶¹ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 30-51.

¹⁶² Para uma bibliografia atualizada sobre a questão da eleição de Gelásio II, por questões de espaço, veja-se Francesco Renzi – *Uno sguardo...*, p. 291-297, e, com particular atenção, as obras de Louis Duchesne, Mary Stroll e Ian Stuart Robinson mencionadas nas notas de rodapé.

¹⁶³ Mary Stroll – *Calixtus II (1119-1124). A Pope born to rule*. Leiden-Boston: Brill, 2004, p. 59-64.

¹⁶⁴ *Decretum in Electionis pontificiae...*, p. 539.

¹⁶⁵ Sobre este aspeto é fundamental a leitura de Ovidio Capitani – *Tradizione e interpretazione...*, p. 49-83. Mary Stroll – *The Medieval Abbey of Farfa: Target of Papal and Imperial Ambitions*. Leiden-New York-Köln: Brill, 1997, p. 145-153, Glauco Maria Cantarella – *Il sole e la luna...*, p. 65 a Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 21.

¹⁶⁶ Giuseppe Sergi – *The Kingdom of Italy*. In *The New Cambridge Medieval History: C. 900-c.1024*. Vol. III. Coord. de Timothy Reuter. Cambridge: Cambridge University Press, 1999, p. 359.

¹⁶⁷ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 15-19.

¹⁶⁸ *Decretum in Electionis pontificiae...*, p. 540. Sobre as referências a Henrique IV contidas no *Decretum*, veja-se Annamaria Ambrosioni – Niccolò II. In *Enciclopedia dei papi*. In http://www.treccani.it/enciclopedia/niccolò-ii_%28Enciclopedia-dei-Papi%29/. Consultado a 11/02/2019.

¹⁶⁹ Glauco Maria Cantarella – *Il papato: riforma, primato e egemonia...* p. 277-278.

chamada versão B ou “versão imperialista” segundo a definição de Ian Stuart Robinson¹⁷⁰, em que, além de não haver diferenças hierárquicas entre os cardeais, o papel do imperador parece muito mais ativo na escolha do papa¹⁷¹. Algumas das fontes sobre o scisma entre Gelásio II e o candidato imperial Gregório VIII, o arcebispo de Braga Maurício “Burdino”, insistem na “irritação” do imperador Henrique V (†1125) por não ter sido avisado da escolha de Gelásio II, uma das razões que o levou à promoção do seu papa, ou *antipapa*, Maurício, vindo do episcopado do então condado de Portugal¹⁷². Perante esta situação o clero urbano da cidade, por enquanto excluído da eleição papal, em muitos casos fez oposição ao candidato escolhido pelos cardeais e promoveu um seu membro como papa, como referido, ou apoiou o candidato imperial na Sé Apostólica contra as escolhas dos cardeais do *Sacrum Collegium*¹⁷³. Como pontualmente observado por Tommaso di Carpegna Falconieri, também na Alta Idade Média em Roma existiam diferenças, no momento da eleição papal entre os *procures de clero* (“os primeiros, os nobres do clero”) e o conjunto dos outros clérigos romanos, mas desde a segunda metade do século XI, as distâncias eram enormes e não recuperáveis entre o clero papal e o clero urbano¹⁷⁴. O *Decretum* e as suas disposições representavam uma transformação tão grande que até gerou muitas divisões dentro do mesmo clero papal. Eclesiásticos como Pier Damiani defenderam fortemente as disposições de 1059¹⁷⁵, enquanto, estas decisões nem sempre foram partilhadas pelo resto dos cardeais, como demonstra a exclusão do *Decretum*, pela sua incompatibilidade com a tradição romana, da coleção canónica redigida em 1086-1087 pelo cardeal Deusdedit¹⁷⁶. Promovido para resolver uma situação de emergência,

¹⁷⁰ Veja-se com atenção Ian Stuart Robinson, *The Papacy...*, p. 35-36 e Mary Stroll, *The Medieval Abbey...*, p. 154-174 e da mesma investigadora *Calixtus II...*, p. 183 e a nota n. 14 e *Popes and Antipopes: The Politics of Eleventh Century Church Reform*. Leiden-Boston: Brill, 2012, p. 83-93.

¹⁷¹ *Decretum elections a wibertinis vitiatum*. In *MGH, Constitutiones et acta publica imperatorum et regum*. Vol. I, a. 911-1197. Ed. Ludwig Weiland. Hannover: Impensis Bibliopolii Hahniani, 1893, p. 543.

¹⁷² Francesco Renzi – Uno sguardo..., p. 297-302.

¹⁷³ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 67-75.

¹⁷⁴ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 97-98.

¹⁷⁵ Sobre a *Disceptatio Synodalis* de Pier Damiani escrita em defesa do *Decretum* de 1059, a obra essencial de referência é Ovidio Capitani – *Tradizione ed interpretazione...*, p. 4-9 e 142-174. De Ovidio Capitani veja-se também La riforma della chiesa e la lotta per le Investiture. *Storia della società italiana*. 5 (1984) 279-344. Umberto Longo, Pier Damiani. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. In http://www.treccani.it/enciclopedia/pier-damiani_%28Dizionario-Biografico%29/. Consultado a 10/10/2018.

¹⁷⁶ Glauco Maria Cantarella, *Il sole e la luna...*, p. 81-86 e do mesmo autor *Riforme e Riforma*. La storia ecclesiastica del sec. XI. In *Orientamenti e tematiche della storiografia di Ovidio Capitani*. Coord. de Maria C. De Matteis; Berardo Pio. Spoleto: CISAM, 2013, p. 11-16. Veja-se também Giuseppe Alberigo – *Cardinalato e collegialità: Studi sull'ecceologia tra l'XI e il XIV secolo*. Firenze: Vallecchi, 1969, p. 33-44, 53-55 e 80-83, Salvatore Vacca – *Prima sedes a nemine iudicatur: genesi e sviluppo storico dell'assioma fino al Decreto di Graziano*. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 1993, p. 206-207. Mary Stroll – *Farfa...*, p. 151 e Uta-Renate Blumenthal – *Fälschungen bei Kanonisten der Kirchenreform des 11. Jahrhunderts*. In *Papal*

o *Decretum* ao longo dos séculos XI e XII não conseguiu evitar o problema das múltiplas eleições papais e demonstrou-se pouco eficaz em regrar e mediar as relações entre o Papado, os cardeais, o clero e a aristocracia romana e os imperadores¹⁷⁷. É suficiente pensar em dois exemplos. Em primeiro lugar o *Decretum* em muito casos não foi respeitado nem pelos mesmos eclesiásticos “reformadores”. Mary Stroll evidenciou que muitas das eleições papais não respeitaram as disposições do *Decretum*, como no caso do Papa Pascoal II ou de um dos papas mais importantes da Idade Média (e provavelmente da inteira história da Igreja Católica), Gregório VII, cuja eleição era tão irregular que o mesmo papa mudou a própria versão dos eventos durante o seu pontificado para responder aos ataques dos adversários sobre a sua legitimidade¹⁷⁸. Em segundo lugar, existia uma ambiguidade na hierarquia entre os cardeais e as suas interpretações¹⁷⁹, um problema que se manifestou violentamente durante o scisma de 1130 entre Inocêncio II (1130-1143) e Anacleto II (1130-1138), um acontecimento que, ao contrário do que muitos pensam, não era um efeito da *Reforma* de Gregório VII¹⁸⁰. Destacamos só alguns dos muitos problemas ligados a este scisma; Inocêncio II não teve a maioria absoluta na eleição, apesar de ter recebido o apoio da maioria dos cardeais-bispos (a *melior et sanior pars*, a “parte melhor, mais sabia”, como a chamaram os seus partidários), enquanto o *antipapa* Anacleto II foi eleito pela maioria do *Sacrum Collegium*, e em particular pela maioria do grupo dos cardeais presbíteros e diáconos, o mais significativo numericamente¹⁸¹. Quem tinha razão canonicamente entre os dois candidatos? Este conflito interno ao colégio cardinalício (para alguns historiadores trata-se de um *leitmotiv* da história eclesiástica romana pleno medieval¹⁸²), foi resolvido parcialmente só pela intervenção do Papa Alexandre III (1158-1181) em 1179, durante o III Concílio Lateranense, cento e vinte anos após a promulgação do *Decretum*. O pontífice teve que intervir para estabelecer medidas mais eficazes na eleição do successor de São Pedro, que previam a necessidade da maioria dos dois terços do colégio cardinalício (decisão que eliminava o conflito

Reform and Canon Law in the 11th and 12th Centuries. Coord. de Uta-Renate Blumenthal. London & New York: Routledge, 2019 (Nova Edição), p. 259.

¹⁷⁷ Mary Stroll – *The medieval Abbey...*, p. 199-202 e Glauco Maria Cantarella – *Il sole e la luna...*, p. 83.

¹⁷⁸ Ovidio Capitani – Gregorio VII, Santo. In *Enciclopedia dei Papi*. In [http://www.treccani.it/enciclopedia/santo-gregorio-vii_\(Enciclopedia-dei-Papi\)/](http://www.treccani.it/enciclopedia/santo-gregorio-vii_(Enciclopedia-dei-Papi)/). Consultado a 31/05/2020 e Glauco Maria Cantarella – *Gregorio VII...*, p. 106-107. Retomei também Francesco Renzi; Enrico Veneziani – *Alcune note...*, 19-22.

¹⁷⁹ Sobre este tema veja-se Ian Stuart Robinson – *The Papacy...*, p. 63. Mary Stroll – *The medieval Abbey...*, p. 200 e Mary Stroll – *Ideology and Politics in the Papal Schism of 1130*, Leiden-New York-Copenhagen-Köln: Brill, 1987, p. 91-92.

¹⁸⁰ Giorgio Milanesi – “*Bonifica*”..., p. 27-56.

¹⁸¹ Glauco Maria Cantarella – *Dalle chiese...*, p. 60. Veja-se também Umberto Longo – Anacleto II (1130-1138): *Formazione ed elezione*. In *Benediktiner als Päpste*. Coord. Andrea Sohn. Regensburg: Schnell & Steiner, 2018, p. 161-173.

¹⁸² Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 107 e a nota n. 13 para a bibliografia.

entre *maior e melior pars*) e um estatuto comum para os cardeais, acabando com as diferenças entre bispos, presbíteros e diáconos¹⁸³. Entre 1059 e 1179 é possível contar até treze *antipapas*, quase um terço de todos os *antipapas* que viveram entre o III século d. C. e 1449: Honório II (1061-1064/1072), Clemente III (1080-1100), Teodorico (1100), Adalberto (1101), Silvestre IV (1105-1111), Gregório VIII (1118-1121), Celestino II (1124), Anacleto II (1130-1138), Victor IV (1138), Victor IV (1159-1164), Pascoal III (1164-1168); Calisto III (1168-1178) e Inocêncio III (1179-1180)¹⁸⁴. Este fenómeno, em parte, poderia também estar relacionado com a ausência de um acordo claro sobre o processo da eleição papal e de todas as partes interessadas, incluindo o império; por esta razão, temos que ser cautelosos ao utilizar a palavra *antipapa*, como sinónimo de candidato não eleito canonicamente, porque como já vimos, durante mais de um século estes processos não tinham sido ainda plenamente esclarecidos dentro e fora de Roma¹⁸⁵.

6. Os cardeais e a *Reforma da Igreja*: algumas considerações finais

Nesta breve compilação historiográfica, tentei demonstrar o processo de formação e desenvolvimento do grupo de eclesiásticos chamados “cardeais”, o núcleo de suporte e de governo do papa, noutras palavras o “cabido” pontifício¹⁸⁶. O que é importante fixar no final desta viagem na Roma medieval é que as estruturas da Igreja Católica não nasceram com a forma que hoje todos conhecemos, mas evoluíram constantemente e de forma imprevisível ao longo da história¹⁸⁷. Por esta razão temos sempre que considerar a história da Igreja como um complexo dinâmico, determinado por uma pluralidade de actores internos e externos, plenamente inserido na história europeia. Não só a história da Igreja Romana é parte desse percurso, mas em muitos casos é impossível compreender a história do continente europeu, antes, durante e depois da Idade Média, sem considerar o papel fundamental de Roma, dos papas e dos seus eclesiásticos que a partir da segunda

¹⁸³ Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 27-29. Claudia Zey – *Entstehung...*, p. 77-86.

¹⁸⁴ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Popes through the Looking Glass, or “Ceci n’est pas un pape”*. *Reti Medievali*. 13/1 (2012) 121 e a nota n. 2 e Agostino Paravicini Bagliani – *Morte e elezione...*, p. 25-26. Veja-se também Francesco Renzi – *Uno sguardo...*, p. 290. Veja-se também Werner Maleczek – *Die Kardinäle von 1143 bis 1216. Exklusive Papstwähler und erste Agenten der päpstlichen plenitudo potestatis*. In *Geschichte des Kardinalats im Mittelalter...*, p. 111-137.

¹⁸⁵ Tommaso di Carpegna Falconieri – *Popes...*, 121-136. Veja-se também a obra de Rudolf Schieffer – *Das Reformpapsttum und seine Gegenpäpste*. In *Gegenpäpste Ein unerwünschtes mittelalterliches Phänomen*. Coord. de Harald Müller; Brigitte Hotz. Wien-Köln-Weimar: Böhlau Verlag, 2012, p. 71-82.

¹⁸⁶ Este papel era atribuído pela historiografia aos cardeais já desde os anos trinta do século passado, veja-se por exemplo o estudo de Karl Jordan – *Die Entstehung der römischen Kurie*. *Zeitschrift der Savigny-Stiftung für Rechtsgeschichte*. 28 (1939) 124 e sgs.

¹⁸⁷ Cristina Sereno – *Le diverse anime della “riforma”*. *Reti Medievali*. In http://rm.univr.it/repertorio_rm_cristina_sereno_la_riforma.html Consultado a 31/05/2020.

metade do século XI começaram a construir uma rede de contactos internacionais – finalizada à unidade na fé e na cristianização dos territórios europeus, mas sem um projeto político definido já programado na época de Gregório VII¹⁸⁸ – que abrangiam o inteiro espaço europeu, do reino normando de Sicília até ao reino de Inglaterra; de Portugal até às tentativas de contacto com a Rus’ de Kiev¹⁸⁹. Sem dúvida, os séculos medievais constituem um observatório privilegiado para o estudo da Igreja Romana e sobretudo mostra-nos como é necessário ter extremo cuidado no seu estudo e evitar excessivas simplificações na sua interpretação. O processo de *Reforma* das instituições eclesiásticas do século XI iniciou-se por intervenção imperial, contrariamente ao que se pensa, e a relação entre Roma e Império, por exemplo na época das “Lutas pelas Investiduras”, não foi tanto um conflito entre poder “eclesiástico” e “laico” (definições extrâneas ao pensamento papal pleno medieval que razoava em termos de preeminência e concordância entre sacerdócio e reino), mas foi uma dinâmica complexa que mudou durante cada pontificado, com cada imperador e em que o episcopado alemão teve um papel fundamental¹⁹⁰. A *Reforma* e as ações dos vários papas causaram problemas internos também à Igreja de Roma, entre o clero papal e o clero urbano da cidade, incluindo os cónegos da Basilica de São Pedro que, para fortalecer a sua posição, em muitos casos, em competição com o Latrão (a catedral de Roma fundada pelo imperador Constantino no século IV, e por isso conhecida também como *basilica constantiniana*¹⁹¹), apoiaram *antipapas* candidatos imperiais como Gregório VIII ou Víctor IV (1159-1164)¹⁹². Uma coisa impensável aos nossos olhos contemporâneos! Ao mesmo tempo o processo de *Reforma* e as suas consequências causou fraturas no mesmo meio cardinalício, como vimos, e entre os papas e os eclesiásticos romanos, como no caso de Gregório VII que entre 1083 e 1084 foi abandonado por muitos eclesiásticos de peso, que apoiaram o *antipapa* Clemente III (o arcebispo de Ravena Wiberto), o candidato imperial de Henrique IV¹⁹³. Os papas e os cardeais tiveram também que lidar com a transformação de Roma e da sua aristocracia. Se por um lado a Igreja Romana se libertou, em parte, da

¹⁸⁸ Sobre este tema veja-se o excelente ensaio de Ovidio Capitani – Gregorio VII e L’unità europea. *Aevum*. 60/2 (1986) 183-192.

¹⁸⁹ Alfons Becker – Politique féodale..., p. 411-445.

¹⁹⁰ Glauco Maria Cantarella – *Il sole e la luna...*, p. 46- 70.

¹⁹¹ Giuseppe de Spirito – La basilica lateranense nel quadro delle vicende del Patriarchio del secolo X. L’evidenza epigrafica. *Mélanges de l’école française de Rome*. 116/1 (2004) 117-139.

¹⁹² Tommaso di Carpegna Falconieri – *Il clero di Roma...*, p. 58-59, Jochen Johrendt – *Il capitolo di San Pietro i papi e Roma nei secoli XI-XIII*. Città del Vaticano: Edizioni Capitolo Vaticano, 2012, p. 21-29 e Jean-Claude Maire Vigueur – *L’altra Roma...*, p. 21-24. Sobre o clero da Basilica de São Pedro, cf. Tommaso di Carpegna Falconieri – «Sicut ad Sanctum Petrum Romae agebatur». Il clero Vaticano come istituzione e modello (secoli VIII-XIV). In *La Basilica di San Pietro: Fortuna e immagine*. Coord. de Giovanni Morello. Roma: Cangemi Editore, 2010, p. 105-122.

¹⁹³ Glauco Maria Cantarella – *Gregorio VII...*, p. 121-122.

velha aristocracia romana do século X que tinha dominado a cena na *Urbs*, por outro os pontífices e os cardeais tiveram que relacionar-se cada vez mais com a nova aristocracia urbana constituída por famílias ricas e poderosas militarmente, como os Pierleoni (cujo fundador, Baruch, bautizado Bento Cristão, era um judeu romano convertido¹⁹⁴), os Normanni, os Corsi, os Frangipane. Estas famílias apoiaram papas ou *antipapas* segundo as suas próprias conveniências e expressaram também eclesiásticos importantes como o cardeal-diácono dos Santos Cosma e Damião e cardeal-presbítero de São Calisto, Pietro Pierleoni, o famoso papa ou *antipapa* Anacleto II¹⁹⁵. Finalmente, os papas, os cardeais e esta aristocracia tiveram que enfrentar outros grupos de cidadãos que em 1143 restauram o Senado em Roma: também a "cidade eterna" conheceu experiências comunais como as outras cidades da Itália centro-setentrional ao longo da Idade Média¹⁹⁶. Seria impossível representar toda esta complexidade num modesto trabalho como este; espero, contudo, ter feito uma boa obra de divulgação, ou seja, não dar a impressão aos leitores que possam ter percebido tudo (quem escreve, certamente, nunca chegará a isso, nem daqui a cem anos), mas ter feito nascer neles a curiosidade de investigar e de estudar com uma bibliografia especializada os temas aqui esboçados.

¹⁹⁴ Marco Vendittelli – Pierleoni. In *Dizionario Biografico degli Italiani*. In http://www.treccani.it/enciclopedia/pierleoni_%28Dizionario-Biografico%29/. Consultado a 27/05/2020 e Giovanni Battista Picotti – Della supposta parentela ebraica di Gregorio VI e Gregorio VII. *Archivio Storico Italiano*. 100, n. 381/382 (1942) 15-16. No trabalho Francesco Renzi – Uno sguardo..., p. 305, há uma imprecisão que vou corrigir nesta sede. O Pietro Pierleoni (*Petro Leonis* em latim) mencionado a p. 305 é muito provavelmente Pietro di Leone, o pai de Pietro Pierleoni/Anacleto II. Tendo os dois o mesmo nome, é melhor distingui-los e utilizar o apelido só pelo filho, ou seja, o *antipapa* do cisma de 1130. Peço desculpa por este inconveniente.

¹⁹⁵ Chris Wickham – *Rome...*, p. 181-258 e Glauco Maria Cantarella – *Una sera dell'anno Mille: scene di Medioevo*, Milano, Garzanti, 2004, p. 195 e sgs. Para uma bibliografia atualizada sobre Roma na Idade Média veja-se, Sylvain Parent – «De la Rome des papes à la Rome des Romains. À propos de quelques publications récentes sur la Rome médiévale». *Médiévales*. 62 (2012). In <http://journals.openedition.org/medievales/6690>. Consultado a 30/05/2020.

¹⁹⁶ Jean-Claude Maire Vigueur – *L'altra Roma...*, p. 150-158.